



Brasil | 2017

Report

missão **Fintechlab**

O FintechLab é o maior hub de conhecimento, conexão e advisory sobre o mercado de Fintechs nacional. Estamos constantemente monitorando o setor, antecipando movimentos e atuando com os diferentes stakeholders para fomentar o mercado brasileiro.

Através de iniciativas como advisory para empresas, palestras e workshops in company, matchmaking com startups, análises, reports customizados, o FintechLab contribui para disseminar informações sobre o ecossistema de fintechs brasileiro através de ferramentas, como o já consagrado Radar FintechLab.

O FintechLab é uma divisão da Clay Innovation, consultoria especializada em inovação e service design com mais de 4 anos de experiência no mercado. A Clay Innovation já atuou em diversos projetos que remodelaram o mercado financeiro brasileiro. Utilizando abordagens e ferramentas de inovação e potencializando o conhecimento existente nas empresas em que atua, a Clay traz olhares inovadores para os serviços e processos.

Quer saber mais? **Entre em contato**

connect@fintechlab.com.br
connect@clayinnovation.com.br

www.fintechlab.com.br

Introdução

O ano de 2016 sem dúvidas ficará marcado como o ano em que o Brasil de fato acordou para o mercado de Fintechs. Observamos o surgimento de centenas de novas empresas e organizações, além da proliferação de eventos e matérias na mídia voltadas para o tema. O mercado brasileiro está amadurecendo.

Junto com esse amadurecimento do mercado também observamos o aumento de sua complexidade. A arena está sendo tomada por diferentes atores, de diferentes indústrias, tamanhos e nacionalidades. A simples discussão de Bancos x Fintechs ou Bancos + Fintechs dá espaço para gigantes de tecnologia, mercado de telecomunicações e empresas multinacionais. Procurando traduzir este novo cenário, o Radar FintechLab foi revisto. Nesta nova edição, trazemos um retrato do ecossistema brasileiro de Fintech. O nosso objetivo com este material é mapear as diversas frentes que compõem este ecossistema, incluindo, além das próprias fintechs, associações, reguladores, investidores, aceleradoras, entre outros players chaves para o entendimento deste movimento.

Passamos também por iniciativas como o surgimento de bancos digitais, a resposta dos bancos tradicionais e a entrada de gigantes da tecnologia no sistema financeiro. Ainda, discutimos novas tecnologias que estão dominando o cenário mundial, e a posição do

Brasil em relação aos seus pares na América Latina.

Em seu segundo ano de vida, o FintechLab continua empenhado em trazer uma visão abrangente, crítica e acessível sobre o mercado de Fintech local para os diferentes perfis de profissionais, sejam eles empreendedores, executivos, investidores ou apenas curiosos. Nada nos motiva mais do que a oportunidade de viver e contribuir com este movimento.

Boa leitura!



Sumário

- 05** Visão geral sobre o mercado de Fintechs
- 07** Cenário de **Fintech Brasil**
- 10** **Radar Fintechlab**
- 14** **Ecosistema Brasileiro de Fintechs**
 - 14** O surgimento das associações e outras iniciativas
 - 15** O posicionamento de órgãos reguladores
 - 16** Fundos de investimento: o braço financeiro
 - 18** Novos polos de inovação pelo Brasil
 - 19** Aceleradoras: ajudando nos primeiros passos
 - 22** Serviços bancários 3.0
 - 27** A reação das instituições financeiras
 - 32** Outros setores mirando o mercado financeiro
- 36** **Novas tecnologias a serviço do cliente**
- 42** Como o Brasil se posiciona na **América Latina**
- 44** **Conclusão e Desafios** para os próximos anos
- 47** Glossário

Visão geral

sobre o mercado de Fintechs

Nas últimas décadas observamos a tecnologia remodelar a sociedade. Vimos o crescimento exponencial do e-commerce, o surgimento de sistemas digitais complexos, equipamentos que armazenam enormes quantidades de dados, banda larga, smartphones, streaming, big data, e, claro, redes sociais que mudaram drasticamente a maneira que consumimos e trocamos informações.

Com essa grande quantidade de inovações, setores fundamentais da sociedade como transporte, lazer e turismo – para ficar apenas em alguns – estão enfrentando verdadeiras revoluções lideradas por empresas que utilizam tecnologia para explorar modelos de negócios inovadores. Uber, Netflix e Airbnb são alguns exemplos de iniciativas que mudaram a maneira de nos relacionar com o mundo. O setor financeiro, intrinsecamente ligado a vida das pessoas e empresas não poderia passar incólume a essa onda de transformação.

Com a crise financeira de 2008, afetando principalmente Europa e Estados Unidos, o sistema financeiro passou a ser visto com descrédito pela população. Soma-se a isso a importância que a internet vem ganhando na sociedade, o aumento da penetração de smartphones em diversos países do mundo, a chegada

dos millenials ao patamar de consumidores, o fácil acesso do ponto de vista operacional e de custo às novas tecnologias e o movimento de desenhos de serviços centrados no ser humano. A crise também levou profissionais da indústria financeira, por questões econômicas ou pessoais, a empreenderem no setor, aplicando na prática seus conhecimentos em iniciativas inovadoras. Essa “tempestade perfeita” acabou levando a uma era de ruptura e inovação: a Revolução Fintech. PayPal, considerada uma das primeiras empresas Fintech, e E-bay foram as pioneiras da indústria de pagamentos e comércio on-line. Tendo iniciado suas atividades nos já longínquos anos de 1998 e 1995, respectivamente, tiveram papéis relevantes na mudança do comportamento das pessoas com relação a experiência de compras na internet. Mais recentemente, empresas como Prosper em 2005, Lending Club em 2006 (Empréstimos) e Stripe (Pagamentos) em 2010 surgiram como iniciativas inovadoras nas suas respectivas áreas de atuação.

Hoje iniciativas Fintech estão presentes em todas as

áreas de serviços financeiros, mudando a maneira como transferimos dinheiro, realizamos pagamentos, obtemos crédito, controlamos as nossas finanças pessoais e investimos nossas economias, dentre diversos outros serviços. Apoiados em tecnologia, que viabilizam menores custos operacionais e maior escalabilidade, os serviços financeiros estão chegando a um preço mais baixo, permitindo, inclusive, a inclusão financeira de parcelas da população de classes menos favorecidas.

Atualmente existem no mundo 2 bilhões de pessoas e 200 milhões de negócios sem acesso à serviços financeiros básicos como poupança ou crédito¹. Contudo, a evolução da tecnologia está mudando esse cenário e criando novos canais para aproximar pessoas e oferecer a elas a possibilidade de serem integradas ao sistema financeiro.

No Brasil 32% da população adulta não tem uma conta bancária e 53% das médias e pequenas empresas não têm acesso à crédito¹. As Fintechs podem contribuir para diminuir essas diferenças. Temos exemplos locais que estão focando em serviços para essa população esquecida pelos grandes bancos, como Banco Maré, Pop Recarga, ToGarantido, TáPago, E-dinheiro, Avante, entre outros.

A revolução Fintech é vantajosa também na ponta oposta, despertando cada vez mais a intenção dos investidores em estar presentes no setor. Até o terceiro trimestre de 2016, os investimentos de fundos de

Venture Capital, Private Equity, Anjos e outros chegaram à casa de U\$ 17.1 bilhões², sendo que em todo o ano de 2015 este número foi de U\$ 22 bilhões.³ Algumas empresas brasileiras inclusive receberam parte desses recursos. O último relatório da KPMG 2016 Fintech100 considerou 2 startups brasileiras na lista das Fintechs mais disruptivas do mundo – GuiaBolso e NuBank.

Pelo mundo, diversos centros de desenvolvimento de Fintechs estão surgindo. O principal deles é em Londres, seguido por Nova York, Vale do Silício, Tel Aviv, Singapura e Shangai. Ainda existem iniciativas consideráveis na África, Ásia em diversos países emergentes. Rapidamente, Fintechs provenientes desses hubs internacionais têm desembarcado no Brasil e estão entrando principalmente nos setores de empréstimos (Lendico, Simplic e 4Finance) e pagamentos (PayU, iZettle e MercadoPago).

Estes são apenas alguns exemplos do já complexo ecossistema brasileiro de Fintech, que estão revolucionando a forma como consumimos serviços bancários e nos relacionamos com dinheiro.

² Fonte: Relatório KPMG Pulse - Quarter 3 2016. Disponível em: <https://goo.gl/RNZIKU>

³ Fonte: The FinTech Book

¹ Pesquisa McKinsey Global Institute - DIGITAL FINANCE FOR ALL: POWERING INCLUSIVE GROWTH IN EMERGING ECONOMIES - September 2016. Disponível em: <https://goo.gl/Ebq207>

Cenário de **Fintech Brasil**

Assim como ocorrido em outros países, a população brasileira vivenciou nos últimos anos diversas mudanças proporcionadas pela evolução da tecnologia e da internet. Casos locais de sucesso como Buscapé, Hotel Urbano e Netshoes se tornaram a nova referência de prestação de serviços e relacionamento online. Em paralelo ao surgimento dessas iniciativas, a população passou a se adequar ao uso da tecnologia para lidar com sua vida financeira. O Internet e o Mobile Banking cresceram de maneira expressiva, representando, juntos, 54% das 54 bilhões transações bancárias brasileiras de 2015⁴.

A digitalização dos serviços financeiros dos bancos tradicionais não se refletiu, porém, em serviços desenhados para melhor interação humana. Um breve olhar no Internet Banking dos principais bancos mostra diversos problemas de usabilidade, como dificuldades para relacionar comprovantes de pagamentos com transações, dificuldades para escolher e comparar opções de investimento, falta de ferramentas para acompanhamento integrado das finanças pessoais, entre outros. No mercado B2B (business-to-business) este cenário não é diferente. O segmento de Pequenas e Médias Empresas (PME) sempre teve problemas relacionados à oferta de produtos, preços elevados e questões operacionais, como conciliação financeira.

⁴ Pesquisa Febraban. Disponível em: <https://goo.gl/CGoY-wU>

No setor de pagamentos também houve um forte movimento regulatório nos últimos anos, no sentido de incentivar a competição, como foi o caso da quebra de exclusividade de adquirência em 2010 e as novas regulações para meios de pagamentos em 2013.

Uma das primeiras tentativas de revolucionar o mercado financeiro local foi a FairPlace, empresa que nasceu em 2009 focada em empréstimos peer-to-peer (P2P). Em um momento em que inovação passava longe do setor financeiro, seu modelo de negócio, que conectava pessoas que precisam de recursos com pessoas que gostariam de financiá-las através de um leilão de taxas, logo chamou atenção de players tradicionais e órgãos reguladores visto que a legislação vigente exige que empréstimos sejam intermediados por instituições financeiras⁵. A FairPlace operou por poucos meses e, após seu fechamento, ainda em 2009, houve um hiato de 2 anos até que o tema voltasse à pauta localmente, com o surgimento de novas empresas.

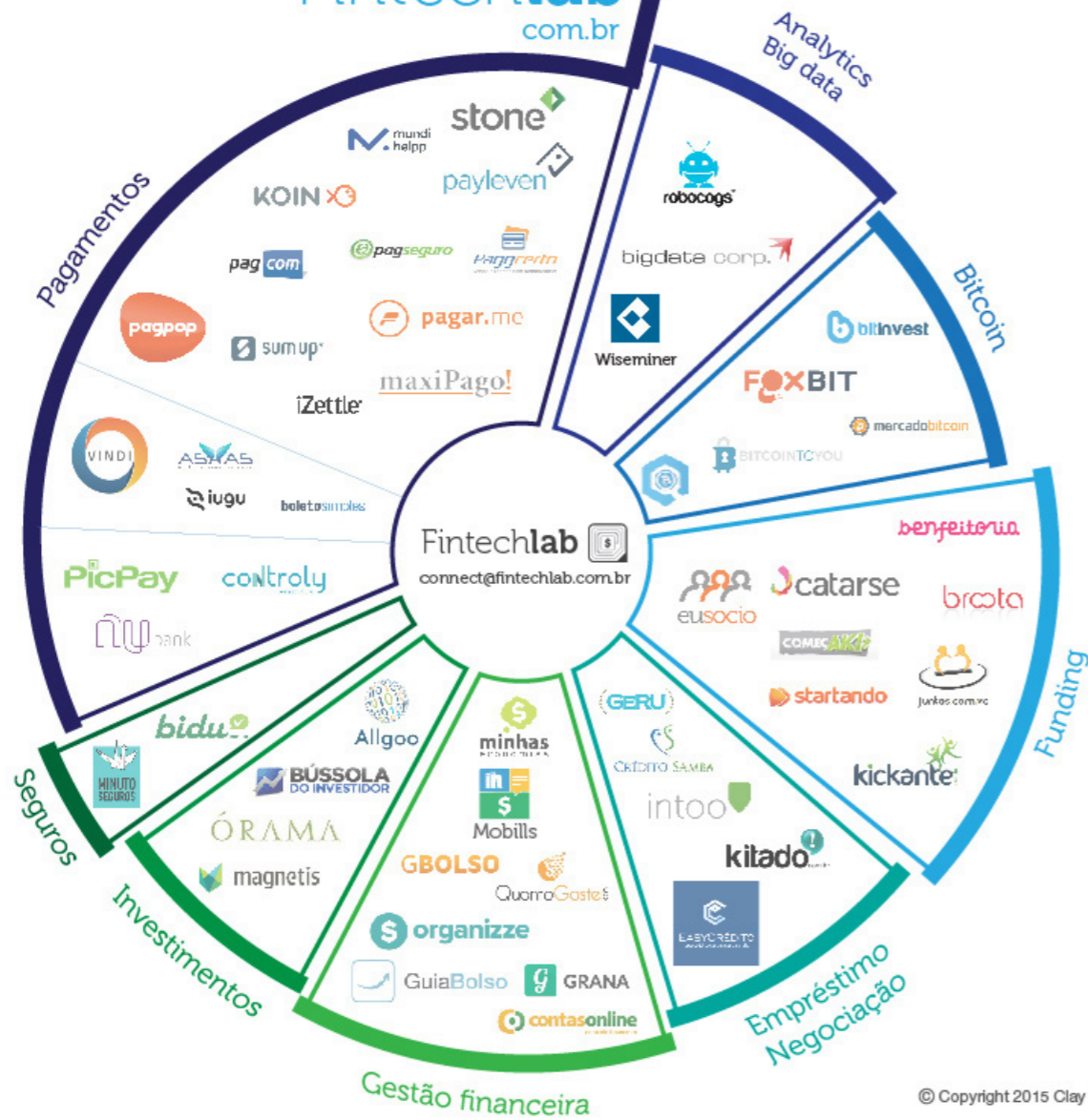
Nos últimos dois anos o mercado de Fintechs brasileiro entrou em ebulição. A evolução do Radar FintechLab prova isso. O número de empresas mapeadas subiu de 54 no primeiro relatório de Agosto de 2015 para 244 nesta edição. Apoiado por um ecossistema que amadurece a cada dia, este crescimento não dá sinais que irá estabilizar tão cedo.

⁵ Artigo 17, da Lei no. 4.595/64 e lei de colarinho branco (artigo 16, da Lei no. 7.492/86)

Radar Fintechlab

Brasil 08.2015

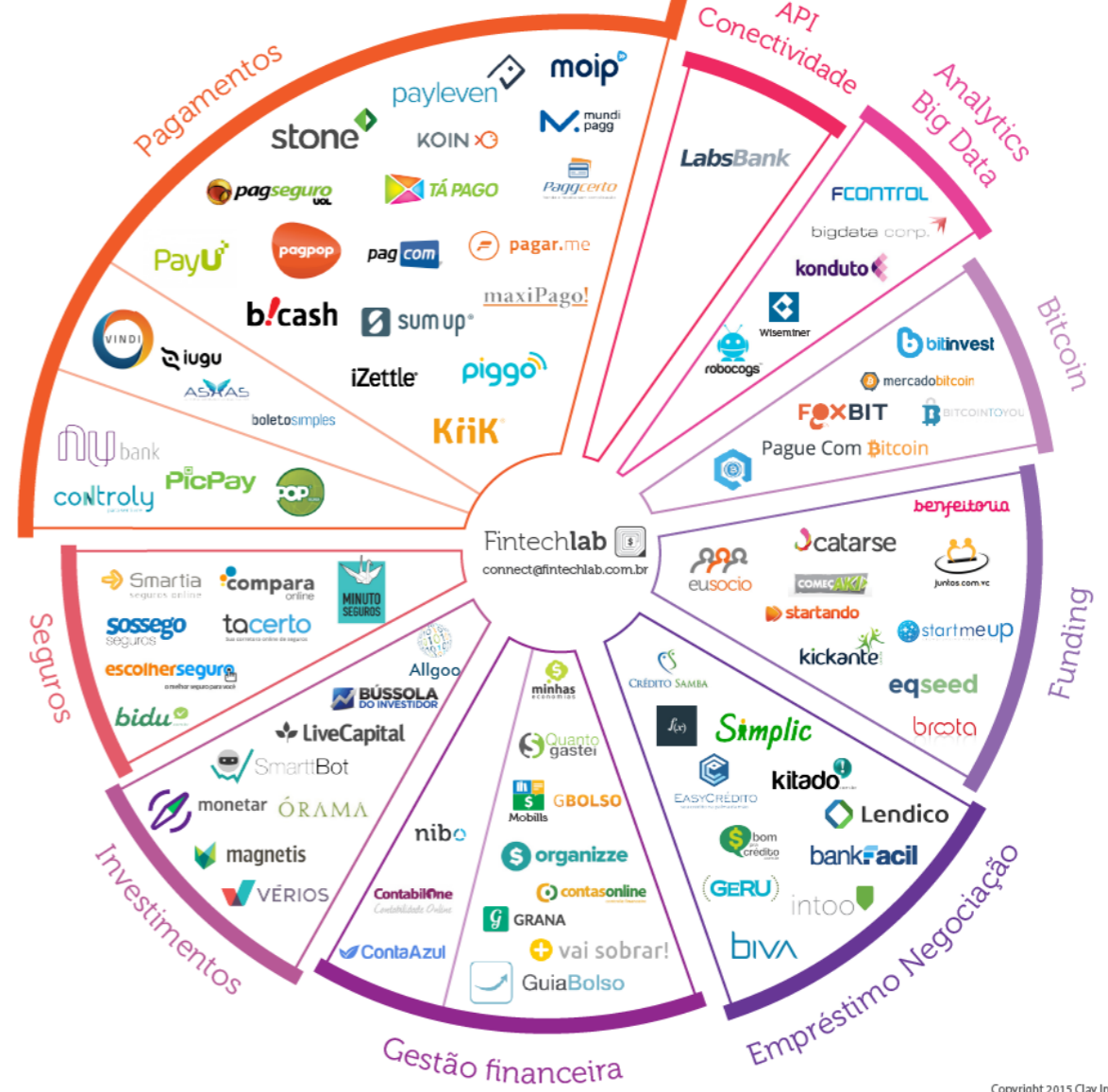
com.br



© Copyright 2015 Clay Innov

Radar Fintechlab

Brasil 09.2015



Copyright 2015 Clay Innovation

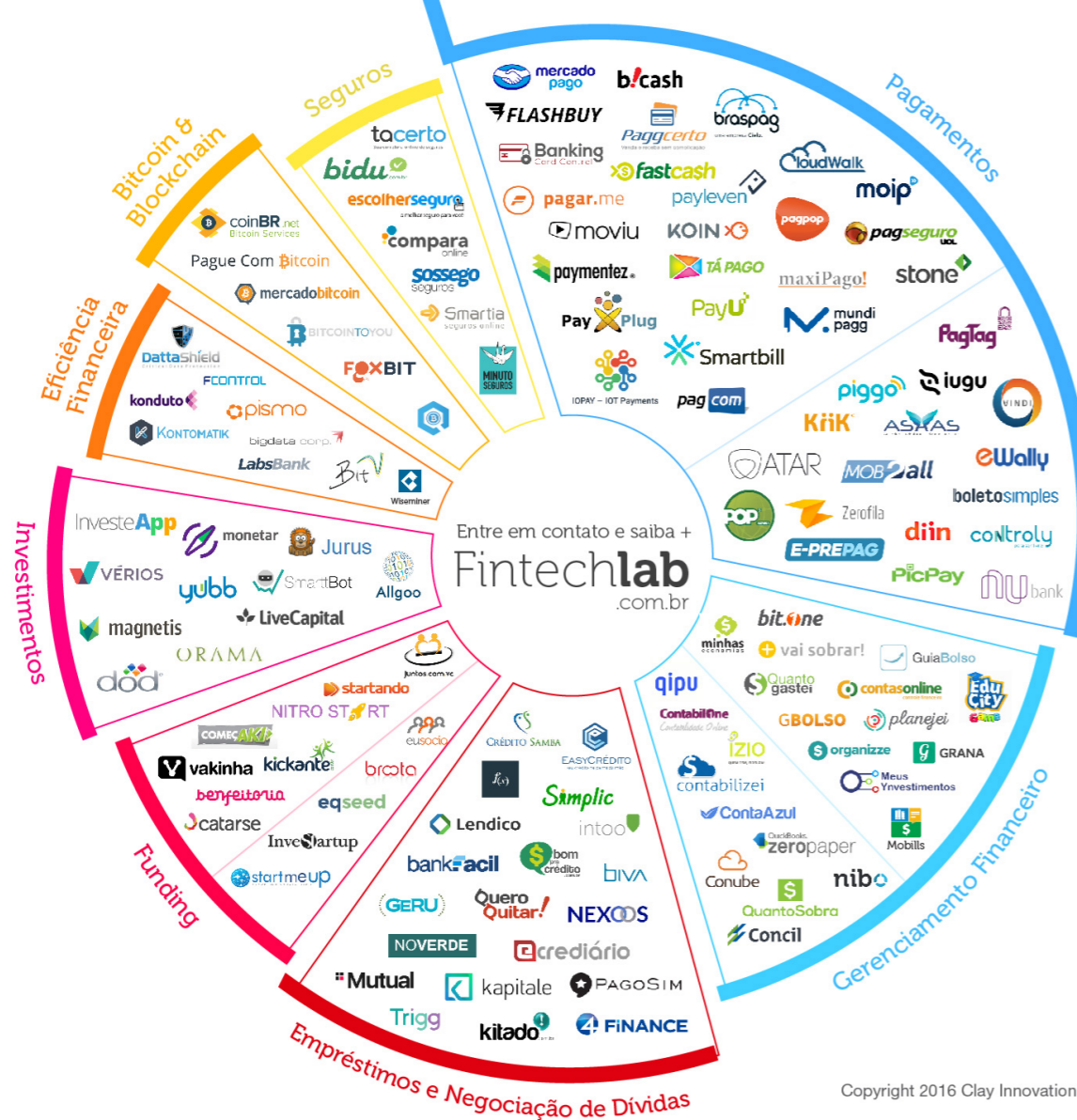
Brasil 04.2016

Radar Fintechlab

Brasil 09.2016

Radar Fintechlab

a maior base de conhecimento do Brasil!



Copyright 2016 Clay Innovation



Fintechlab clay innovation

(Radar FintechLab

O Radar Fintechlab, maior iniciativa de monitoramento do mercado de Fintechs nacional, chega a sua 5ª edição. Não somente o número de startups e segmentos de atuação aumentaram consideravelmente neste último ano, mas também a complexidade do ambiente Fintech brasileiro. Observamos, portanto, que o Radar deveria tornar-se mais abrangente, para que conseguisse representar o novo Ecossistema de Fintechs que está emergindo e se consolidando no Brasil.

O novo formato do Radar FintechLab traz a visão de que órgãos reguladores, associações, aceleradoras, bandeiras de cartão, big techs, bancos, financeiras, fundos de venture capital e outras empresas de serviços estão orbitando as Fintechs nacionais, contribuindo cada vez mais para o amadurecimento da indústria. Nas próximas páginas veremos detalhadamente como cada um desses novos atores está se posicionando na onda de inovação.

Já contamos com 244 Fintechs mapeadas nas categorias Pagamentos, Gestão Financeira, Empréstimos, Investimentos, Funding, Seguros, Negociação de Dívidas, Cryptocurrencies e DLT, Câmbio e Multiserviços.

O segmento de Eficiência Financeira, que engloba empresas que atuam com big data, APIs e sistemas anti fraudes, por exemplo, passou a compor, nesta nova edição, um setor independente, que está atendendo a todos os players do ecossistema Fintech e, em muitos casos, sendo um pilar essencial para suas existências.

Em pouco mais de um ano, as iniciativas mapeadas dessa vertical saltaram de apenas 3 para 30, ilustrando a demanda por serviços desse tipo.

Considerando somente as Fintechs, o setor de Pagamentos segue sendo o que concentra a maior quantidade de iniciativas, passando a representar 32% do total versus 22% em 2015. As soluções, porém, estão cada vez mais complexas e dividem-se em três nichos principais: Gestão de Pagamentos (Fintechs que concentram e organizam o setor de “contas a pagar” das empresas), Pagamentos pós e pré-pagos (Fintechs que de fato efetivam os pagamentos, através do fornecimento de cartões de crédito e pré-pagos) e Adquirentes (Fintechs fornecedoras das “maquininhas” ou integração com comercios eletrônicos). O amadurecimento de empresas como Stone, que adquiriu a concorrente Elavon em 2016, o crescimento exponencial do Nubank, que estimulou inclusive o nascimento do Digio, seu concorrente, e a entrada de organizações de outros países (SumUp, iZettle e MercadoPago) nesse segmento mostra o quanto o setor de pagamentos está expandindo.

A área de Empréstimos também apresentou amadurecimento, principalmente com o surgimento de iniciativas que oferecem e intermediam crédito para pequenas e médias empresas, no formato de marketplaces, bem como com o crescimento no número de correspondentes bancários. De acordo com o

levantamento FintechLab já existem no Brasil 33 Fintechs focadas em crédito, tanto locais quanto estrangeiras, número que representa 18% do total de iniciativas. A grande novidade deste Radar fica por conta do aparecimento do setor “Multiserviços”, segmento que engloba empresas que não são instituições financeiras, mas que oferecem vários serviços bancários em um aplicativo. 6 iniciativas, como ContaSuper, Zuum, e Celcoin estão permitindo o acesso a serviços para mais pessoas e tem ganhado força.

Outros setores que surgiram nas últimas edições do Radar FintechLab como Câmbio, Negociação de Dívidas e Cryptocurrencies/DLT permanecem relevantes e também contam com um número razoável de componentes: 8, 11 e 13 empresas em cada setor, respectivamente, somando um total de 14% da base de Fintechs mapeada.

Junto com o novo Radar, trazemos também os números da última pesquisa FintechLab, que contou com 177 empresas respondentes e ilustra a evolução do setor brasileiro de Fintechs. Aproximadamente 80% das empresas que responderam às perguntas afirmam que já possuem clientes pagantes e que já passaram pelas fases de idealização e de validação dos seus modelos de negócios.

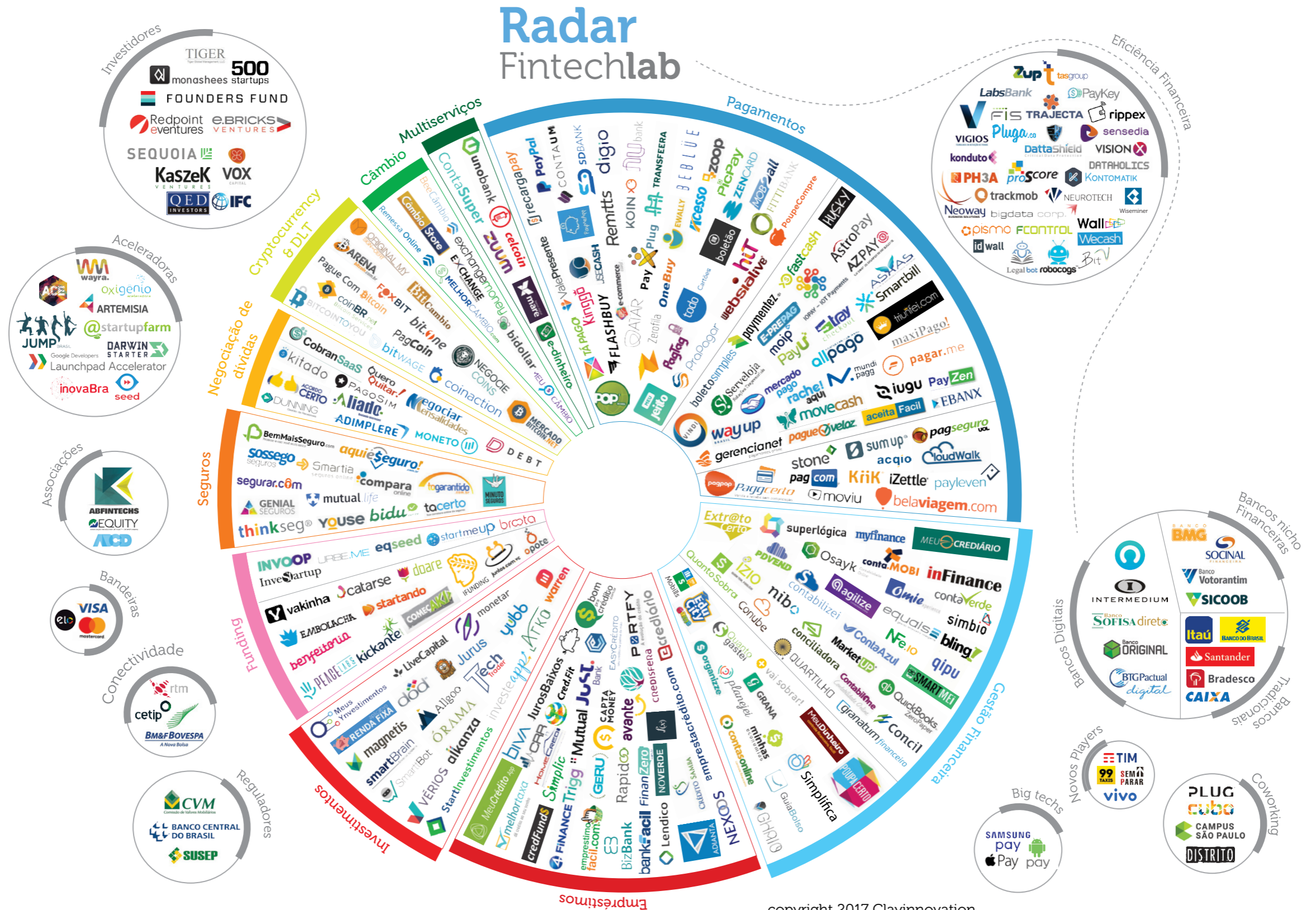
Com relação ao número de funcionários, pouco mais de 10% das Fintechs afirmaram que já contam com mais de 50 funcionários nos seus quadros, sendo que somente 7% do total possui mais de 100 colaboradores. Como reflexo do amadurecimento, as Fintechs têm conseguido atrair investidores, fazendo com que 72% delas já tenham recebido algum aporte de capital. Das Fintechs que receberam investimentos, 14%

receberam aportes superiores a R\$ 20 milhões.

Somente em 2016, o Nubank recebeu U\$ 134 milhões em aportes, além de uma linha de crédito de U\$ 100 milhões do Goldman Sachs. Outras fintechs de destaque, Guiabolso e BankFacil receberam R\$ 60 milhões e R\$ 15 milhões respectivamente. Além de investidores locais estarem apostando mais nesse setor, é esperado que investidores internacionais também retomem o interesse no Brasil, a partir da superação da atual crise político-econômica. Estima-se que até o final de 2016, as fintechs brasileiras receberam mais de 1 bilhão de reais.

Segundo os dados da pesquisa, São Paulo, oferecendo os principais canais para a captação de recursos, como fundos de investimento, VCs, Anjos e, a proximidade com bancos e acesso a empreendedores, concentra 65% do ecossistema de Fintechs brasileiro. A segunda região que concentra a maior quantidade de iniciativas é o Rio de Janeiro (11%), seguido por Belo Horizonte (6%).

A inovação tecnológica no setor financeiro: universo em expansão



copyright 2017 Clayinnovation

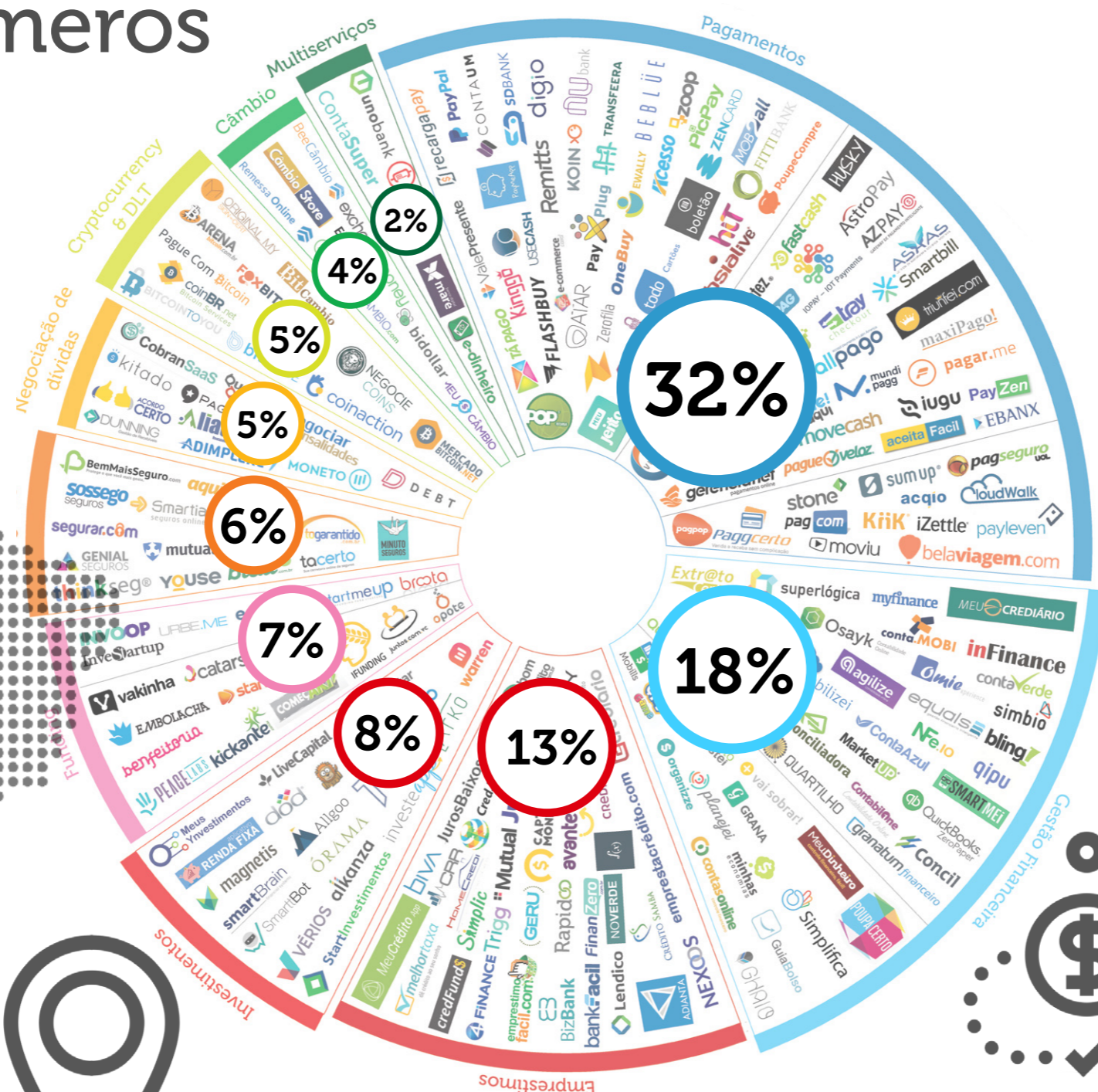
Radarm Fintechlab

Em números

+R\$1bi
investidos em Fintechs
Brasileiras até 2016



65% SP
11% RIO
6% BH



10%+50
Funcionários
7%+100
Funcionários



72%
já receberam
aporte
14% + 20MM

Ecosistema

Brasileiro de Fintechs

Com um olhar voltado para agregar valor ao cliente e com a ajuda da tecnologia para transformar ideias inovadoras em soluções escaláveis, as startups são as protagonistas neste momento de ruptura. Apesar de algumas iniciativas terem obtido sucesso sozinhas nesta jornada, a presença de um forte ecossistema faz com que elas tenham mais chance de prosperar.

Além das dificuldades operacionais inerentes a qualquer iniciativa empreendedora, questões como mentoria, facilitação de acesso a mercados, local físico, acesso a talentos, acesso e apoio na utilização de novas tecnologias, integração com parceiros, e, claro, investimentos são essenciais para o desenvolvimento das Fintechs. Soma-se o fato das Fintechs atuarem em um ambiente extremamente regulado. Desta forma, a presença de um ecossistema maduro pode funcionar como um grande alavancador e suporte para o negócio.

A seguir apresentamos os movimentos e atores que têm fortalecido o mercado nacional.

O surgimento das associações e outras iniciativas

Para ganhar representatividade com órgãos reguladores e fortalecer o crescimento do setor, grupos de Fintechs tem se organizado.

As principais iniciativas são as seguintes:

Associação Brasileira de Fintechs (ABFintechs)

Visando representar o crescente grupo de iniciativas, algumas Fintechs do mercado protagonizaram o surgimento da Associação Brasileira de Fintechs. A associação possui três pilares fundamentais: gerar negócios para os associados, aproximar as empresas de órgãos reguladores e conseguir impacto social positivo. O objetivo final é suportar o crescimento do segmento e ampliar o mercado tanto no plano nacional quanto internacional. A associação foi apresentada ao público no 25 de outubro de 2016.

Associação Brasileira de Crédito Digital (ABCD)

No primeiro semestre de 2016 as Fintechs de crédito Biva, Geru, Lendico, BankFacil, Simplic, Trigg e Just Bank se uniram para fortalecer o novo setor de crédito digital. Formaram, então, a ABCD para trazer maior eficiência e fomentar boas práticas dentro do setor. A ABCD foi lançada oficialmente em Novembro de 2016 e está em contato direto com o Banco Central para definição de boas práticas com o intuito de trazer mais confiança ao consumidor no uso das soluções digitais.

Associação de Equity Crowdfunding

Também buscando maior representatividade e um ambiente mais favorável no setor de crowdfunding (financiamento coletivo), a Associação de Equity Crowdfunding, conhecida também somente por Equity, foi fundada pelas empresas Broota, Economia Criativa, EqSeed, Ideias de Futuro, Kickante, Start me up, The Pie, Urbe e Viking. A associação também tem sócios parceiros, como advogados e membros do ecossistema que estão envolvidos diretamente no funcionamento das startups. A Equity tem trabalhado no sentido de se aproximar da CVM participando, inclusive, de uma audiência pública para solicitar atualizações no regulamento atual, datado de 2003.

O posicionamento de órgãos reguladores

Órgãos reguladores e autarquias como Banco Central e CVM não estão passivos perante a revolução em curso no sistema financeiro. Com a velocidade e potencial de mudanças que estão por vir, esses agentes têm buscado compreender o movimento e desenvolver ações para incentivar a inovação em ambientes seguros.

Banco Central⁶

O Banco Central do Brasil (BC) reconhece os avanços e o uso de novas tecnologias em diferentes áreas de atuação da indústria financeira e tem buscado encorajar seu desenvolvimento, estimulando a concorrência no mercado, de maneira a gerar mais eficiência e possibilitar a oferta de produtos com menores preços. O aumento da inclusão

⁶ Fonte: <https://goo.gl/ZPhmiU>

financeira é um dos objetivos deste movimento.

Por outro lado, o BC também se mostra vigilante sobre a introdução de inovações na medida em que elas possam ter consequências sobre a solidez do sistema. Novas formas de prestação de serviços implicam em maior vigilância no acompanhamento da indústria de forma a garantir o regular funcionamento do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e das infraestruturas do mercado financeiro.

O BC estabeleceu, internamente⁷, um grupo de trabalho para elaborar estudos sobre inovações tecnológicas digitais relacionadas com as atividades no âmbito do SFN e do SPB (Sistema de Pagamentos Brasileiro) e de avaliar potenciais impactos sobre o funcionamento desses sistemas. Assim, o BC prepara-se para lidar com o desafio de acompanhar as transformações do sistema financeiro, ao mesmo tempo em que oferece estímulos às instituições locais para que permaneçam na fronteira de seu desenvolvimento.

Em 2010, por exemplo, o BC atuou no sentido de eliminar a exclusividade da Cielo (antiga Visanet) e da Rede (antiga Redecard) de operarem as bandeiras Visa e Mastercard, respectivamente. A partir desse momento, a regulação abriu a portabilidade de adquirentes em 2013. Este movimento permitiu o surgimento de Fintechs, como a Stone.

Recentemente a resolução do Banco Central nº 4.480, publicada em 25 de abril de 2016, passou a permitir que contas-corrente pudessem ser abertas por meio eletrônico, sem a necessidade de comparecer a uma agência bancária. Com o papel de manter a segurança, assegurar a interoperabilidade da rede e proteger o sistema financeiro,

⁷ Por meio da Portaria BCB nº 89.399, de 3 de junho de 2016.

o BC deixa claro que poderá intervir através de regulação caso ações deste tipo se mostrem necessárias. Blockchain, carteiras digitais, empréstimos peer-to-peer (P2P), robo-advisors e mercado de câmbio são alguns setores que o BC tem acompanhado de perto.

Comissão de Valores Monetários (CVM)

Em linha semelhante a do BC, com o intuito de acompanhar a atuar nos movimentos das Fintechs, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) criou em Junho de 2016 um núcleo de Inovação em Tecnologias Financeiras⁸, para acompanhar o desenvolvimento e a aplicação de novas tecnologias no âmbito do mercado de valores mobiliários.

Em Agosto de 2016 foi realizada uma proposta para a regulamentação de investimentos feitos por meio de plataformas de equity crowdfunding. Conforme destacado anteriormente, essa medida é o resultado da interação entre CVM e a Associação de Equity Crowdfunding nos últimos dois anos. A audiência pública, irá ouvir as sugestões para melhorar o financiamento coletivo no Brasil e atualizar o regulamento. As novas medidas visam ajudar na captação de recursos por startups, fomentando o empreendedorismo e trazendo maior segurança ao investidor.

Superintendência de Seguros Privados (SUSEP)

Diferentemente do BC e CVM, a SUSEP não instituiu uma estrutura para acompanhamento e interação com as Fintechs. Após recente troca no comando da Susep, esperam-se mudanças dentro da organização

⁸ Link para a portaria: <https://goo.gl/rb7aQ6>

e um posicionamento oficial sobre as Fintechs que estão entrando no mercado de seguros. A autarquia considera que as Fintechs trazem modelos interessantes, mas entende que ainda estão em fase inicial.

Fundos de Investimento: o braço financeiro

Fundos de investimento, especialmente de Venture Capital (VC), são fundamentais para financiar empresas, principalmente aquelas em estágios iniciais. Além de buscarem oportunidades para gerar retorno aos seus cotistas, os fundos também oferecem mentoria às suas investidas, tornando-as mais profissionais e organizadas na busca por mais investimentos.

Atualmente diversos VCs, tanto locais quanto estrangeiros, estão participando do ecossistema Fintech brasileiro. E eles estão investindo nas principais empresas do setor: de acordo com pesquisa realizada pelo FintechLab, os investimentos em Fintechs no Brasil já superaram R\$ 1 bilhão nos últimos anos, com destaque para GuiaBolso e Nubank. Listamos abaixo os principais investidores atuando no Brasil, bem como algumas iniciativas de Fintech em que possuem participação.

Redpoint e.ventures

Nascida de uma joint venture entre as gestoras de Venture Capital do Vale do Silício Redpoint e e.ventures, a Redpoint e.ventures nasceu como uma firma de capital empreendedor sediada em São Paulo e focada em empresas de tecnologia em estágio inicial. Além de investir diretamente em empresas, a Redpoint e.ventures associou-se ao Itaú na criação do Cubo, um

dos principais espaços de coworking e desenvolvimento de empreendedorismo do Brasil.

Algumas Fintechs do portfólio: BankFacil, Nibo, Minuto Seguros, Magnetis.

Monashees Capital

É um dos primeiros fundos de Venture Capital brasileiro com foco em companhias de tecnologia em estágio embrionário.

Algumas Fintechs do portfólio: Bidu, Kitado, Conta Azul, Magnetis.

E.Bricks Ventures

Criado pelos mesmos fundadores do Grupo RBS⁹, um dos principais canais de mídias do Brasil, a E.Bricks Ventures é hoje um dos mais relevantes fundos de VC do país, tendo investido no GuiaBolso já em seu primeiro fundo. Atualmente está lançando um segundo fundo com meta de captação de R\$ 300 milhões com foco em empresas de tecnologia que se mostrem capazes de ajudar a melhorar a qualidade e produtividade em áreas essenciais, tais como serviços financeiros, educação, saúde e soluções na nuvem para pequenas e médias empresas.

Portfólio de Fintechs: GuiaBolso e Contabilizei.

Vox Capital

Criada em 2009, a Vox Capital foi a primeira empresa de investimentos de impacto no Brasil, tendo em sua tese de investimento o objetivo de investir em empresas

⁹ O Grupo RBS é uma das maiores empresas de comunicação multimídia do Brasil e maior afiliada da Rede Globo. Hoje, a RBS é líder na área de comunicação no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, produzindo conteúdo e entretenimento em rádio, televisão, jornal e plataformas digitais.

inovadoras capazes de gerar reflexos socioeconômico na base da pirâmide. A Vox foca seus investimentos nas áreas de saúde, educação, serviços financeiros e habitação.

Algumas Fintechs do portfólio: Avante

Kaszeck Ventures

Fundo de venture capital criado em 2011 por Nicolás Szekasy e Hernán Kazah, fundadores do site de vendas on-line Mercado Livre. O foco do fundo é investir em companhias de tecnologia de alto impacto na América Latina. A Kaszek já possui dois fundos de investimentos constituídos que, juntos, somam mais de U\$ 200 milhões.

Algumas Fintechs do portfólio: Contabilizei, Nubank, GuiaBolso, BankFacil, Zup

Outros

Entre outros fundos de investimento estrangeiros que já investiram em fintechs nacionais estão o Sequoia (NuBank), Tiger Global Management (Nubank), Founders Fund (Nubank), IFC (GuiaBolso), QED Investors (Nubank, BankFacil e GuiaBolso), 500 startups (ContaAzul e IdWall) e Ribbit Capital (Conta Azul).

Novos pólos de inovação pelo Brasil

Apesar de grande parte das iniciativas ligadas à inovação estarem concentradas em São Paulo, outras regiões do país tem observado o forte movimento de inovação e estão procurando se fortalecer como pólos de fomento para a indústria, com movimentos organizados por iniciativas públicas e privadas.

Belo Horizonte

O ecossistema de startups de Belo Horizonte é conhecido por ter sido o primeiro a se diferenciar dentro do país. Uma das iniciativas desenvolvidas é o San Pedro Valley, comunidade cujo objetivo é reunir as Startups de Belo Horizonte para identificar oportunidades e necessidades do mercado, além de divulgar vagas e notícias relacionadas. Criado em 2011, o San Pedro Valley surgiu de encontros informais dos empreendedores das startups Beved, Deskmetrics, Everwrite e Hotmart e hoje, além de ser a referência para startups de base tecnológica de Belo Horizonte, conecta mais de 200 empresas de diversos setores, incluindo espaços de coworking, aceleradoras e investidores.

Belo Horizonte é a única cidade da América Latina que possui um centro de engenharia do Google. Accenture e Embraer também estão presentes na região, tornando-a um dos principais polos tecnológicos do país. Os trabalhos da Escola de Engenharia e do Departamento de Ciência da Computação da UFMG voltados à pesquisa aplicada, são um grande atrativo para as empresas. Além disso, um dos grandes atores do ecossistema de startups

da região é o programa de aceleração SEED, financiado pelo governo estadual.

Além da proximidade com conhecimento tecnológico, a região de Minas Gerais é berço e sede de diversas instituições financeiras, como os bancos BMG e Intermedium, que têm se aproximado de iniciativas de inovação.

Rio de Janeiro

Apesar de muito dispersas no início, as iniciativas no ramo de inovação e empreendedorismo no Rio de Janeiro se encontraram quando alguns empreendedores locais se reuniram em um grupo chamado Cariocas, organização que foca em disseminar a cultura empreendedora na região, através da promoção de eventos e palestras relacionados ao tema, além de fazerem parte do comitê da Associação Brasileira de Fintechs.

Apesar de algumas aceleradoras locais conhecidas terem encerrado suas atividades na região nos últimos anos, como a 21212, o aquecimento do mercado de inovação tem atraído novas iniciativas. A ACE, uma das mais importantes aceleradoras do país planeja abrir um espaço no Rio em 2017.

Segundo pesquisa do FintechLab, o Rio de Janeiro é a cidade com o segundo maior número de Fintechs no país. Empresas da região como Stone e Sicoob estão se movimentando para ajudar a fortalecer a comunidade de Fintech local que ainda é pouco conhecida.

A Sicoob, por exemplo, abriu na cidade o espaço Plataforma.space para se aproximar do ecossistema de startups do Rio de Janeiro. O Plataforma.space é um espaço de coworking que pretende reunir a comunidade empreendedora do Rio em um espaço físico que será sede de várias startups e organizará eventos

relacionados a empreendedorismo. A primeira atividade do Plataforma.space é o lançamento do programa Fintech.Rio, que terá foco em Fintechs maduras e que estão procurando escalabilidade. Após um processo de seleção, entre 5 e 10 fintechs farão parte de um bootcamp de 5 semanas com mentorias exclusivas e acesso às ferramentas e ao espaço da Sicoob. O programa está aberto a startups de todo o país e internacionais. O bootcamp iniciará em março de 2017. A Stone, por sua vez, ofereceu o espaço para a organização dos eventos Fintech Startup Weekend e Fintech Rio. Com todos esses movimentos, esperamos ouvir mais sobre o ecossistema carioca em 2017.

Florianópolis

Florianópolis está se consolidando como um polo de iniciativas de base tecnológica, com a presença de cerca de 600 empresas de software, hardware e serviços de tecnologia. Para apoiar as startups e o movimento de inovação, Florianópolis criou dois parques tecnológicos (Tec. Alfa e Sapiens Parque), duas incubadoras (Midi Tecnológico e Celta), a Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (ACATE), a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação (Fapesc), o Centro de Referência em Tecnologias Inovadoras (Fundação Certi) e o sistema Fiesce.

A fim de fomentar o movimento de inovação em serviços financeiros, a ACATE estruturou uma vertical de Fintechs, que agrega as startups e parceiros corporativos, como a Neoway, a CNSeg, a Cetip, a Senior Solutions e a RTM, com o intuito de compartilhar conhecimento, gerar oportunidades de negócio e defender interesses comuns junto a órgãos reguladores.

Além disso, a ACATE, em parceria com a CETIP e a

aceleradora Darwin, lançou a primeira turma do programa no segundo semestre de 2016, com 10 empresas e duração de 6 meses.

Recife

Ainda no ano 2000 foi inaugurado no centro histórico de Recife (PE) o Porto Digital. O local é um dos principais parques tecnológicos do Brasil, unindo iniciativa privada, governo e universidades para fomentar o ecossistema tecnológico da região.

O parque abriga diversas empresas de tecnologia nacionais e multinacionais, além de oferecer programas de inovação, qualificação e suporte ao empreendedorismo. Dentro do Porto Digital ainda existe a Jump, uma das principais aceleradoras de startups do Brasil.

Aceleradoras: ajudando nos primeiros passos

As aceleradoras têm como objetivo principal apoiar e investir no desenvolvimento e crescimento de startups, ajudando na obtenção de investimentos, oferecendo mentoria para definição de modelos de negócios e operação e auxiliando a construção de parcerias. Além de aceleradoras independentes, ainda existem programas de aceleração patrocinados por instituições financeiras, que serão apresentados mais à frente, como os promovidos pelo Bradesco (inovaBra) e pela Porto Seguro (Oxigênio).

A seguir listamos algumas das principais aceleradoras atuantes no país:

StartupFarm

Considerada a maior aceleradora do Brasil, a StartupFarm já acelerou mais de 230 startups desde 2011, data da sua criação. De acordo com a empresa, as startups do portfólio, juntas, já possuem valor de mercado superior a U\$ 1 bilhão e captaram mais de U\$ 100 milhões em investimentos, por meio da Farm Venture Capital, braço de investimentos da aceleradora. Visando ter mais Fintechs envolvidas em suas iniciativas, a StartupFarm fechou recentemente uma parceria com a Visa para o lançamento do programa Ahead, focado em tecnologia financeira. As Fintechs Exchange e PagoSim já passaram pelo programa.

Ace

Criada em 2012, a Ace já acelerou mais de 70 empresas e se tornou uma das aceleradoras mais importantes do Brasil. Existem programas diferentes em função do estágio de cada empresa, incluindo concepção, validação, crescimento e expansão. O programa de aceleração dura em média 6 meses. A ACE já acelerou a Fintech HomeCredi e está acompanhando de perto o setor. Recentemente fechou uma parceria com o grupo BMG para preparar dois programas para startups em diferentes estágios. O primeiro é um programa exclusivo para Fintechs, num estágio mais maduro onde poderão testar os seus produtos com o Banco BMG e criar possíveis parcerias. O segundo programa vai ser de aceleração aberto a startups de vários setores em fase inicial.

Launchpad Accelerators (Google)

Tendo em vista que o Brasil é o maior país da América Latina e São Paulo a décima segunda cidade

do mundo mais atrativa para uma startup¹⁰, o Google decidiu lançar na região o programa Launchpad Accelerators em 2015. O programa dura seis meses e consiste em suporte técnico e treinamento para ajudar startups promissoras a criar aplicativos de qualidade e a construir negócios bem-sucedidos. Além da mentoria, as empresas selecionadas ainda recebem um aporte inicial de até U\$ 50 mil. Em 2016, a Fintech BankFacil foi uma das 6 escolhidas para participar do Launchpad Accelerators e está usufruindo de toda a infraestrutura do Google, incluindo treinamentos no Vale do Silício. Na última seleção, divulgada em Novembro de 2016, a Mobilis (Gestão Financeira) também foi selecionada. O programa está em expansão e já foi levado a países como México, Indonésia e Índia.

Wayra

A Wayra é um dos programas que compõem o Telefónica Open Future, um programa global que agrega todas as iniciativas de empreendedorismo e inovação aberta do Grupo Telefónica (controladora da Vivo). Com escritórios em 11 países e oferecendo programas de mentoria e também investimentos iniciais, a aceleradora do grupo Telefónica já apoiou mais de 54 startups somente no Brasil. Cada startup passa um ano no programa e recebe treinamentos em diversas áreas, como marketing digital e vendas, além de obter ajuda para conseguir mais investimentos. A Wayra já acelerou Fintechs como QueroQuitar, Conube e Pagcoin.

¹⁰ De acordo com pesquisa de 2015 da CityLab: <https://goo.gl/HvrpQS>

Artemisia

A Artemisia é uma aceleradora pioneira na disseminação e no fomento de negócios de impacto social no Brasil. Oferece para as startups selecionadas um programa intensivo de 5 meses que engloba formatação do modelo de negócio, acesso a rede de mentores, capacitação da equipe, refinamento do impacto social e conexões com investidores, gestores e parceiros. Nos últimos 5 anos, a Artemisia já acelerou 79 negócios nas áreas de educação, habitação, saúde e serviços financeiros. Dentro da categoria Fintech já passaram pelo programa as empresas Biva (Empréstimos), TáPago (Pagamentos), ToGarantido (Seguros) e Controly (atual Banco Neon).

Jump

Em 2015 o Porto Digital, localizado em Recife e principal parque tecnológico do Nordeste, abriu a aceleradora Jump Brasil para fortalecer a comunidade empreendedora de Pernambuco. O programa da Jump dura até 5 meses e oferece para as empresas participantes mentoria, infraestrutura e aporte financeiro. O objetivo da Jump é capacitar empresas para atrair investidores e contribuir para o desenvolvimento econômico local. O público-alvo são empresas que já apresentam alguma maturidade no seu modelo de negócio. Na primeira turma foram escolhidas 5 startups, nenhuma Fintech ainda.

Darwin Starter

A Darwin Starter é uma das principais aceleradoras de Florianópolis e fica localizada dentro da ACATE (Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia).

Fechou recentemente o seu segundo ciclo do programa de aceleração, investindo em novas frentes como Fintech (Jurus, PagueVeloz e Exchange Now) e big data (Planrockr e Vigios). Nesta última turma de aceleração, a Darwin está trabalhando em parceria com a Cetip, RTM, Neoway e CNSEg e oferece espaço de coworking, mentoria e investimentos iniciais para as startups selecionadas.

SEED

Criado pelo Governo de Minas Gerais em 2013, o SEED (Startups and Entrepreneurship Ecosystem Development) é um programa de apoio a empreendedores que desenvolvam projetos de negócio com base tecnológica. O programa está em sua terceira edição e, a cada nova turma, 40 empresas concorrem por 6 meses de fortalecimento e incentivos em um novo espaço físico em Belo Horizonte, o CentoeQuatro. O SEED já apoiou 112 startups de 11 países distintos oferecendo capital semente, espaço para trabalhar, treinamentos, mentoria, networking e contato com os parceiros estratégicos do programa, como a Microsoft, por exemplo, além da conexão com a San Pedro Valley, maior comunidade de startups de BH.

Fintechs como Coinaction, melhorcambio.com, Exchange Now e Smarttbot já passaram pelo programa. Seguindo o exemplo do programa Startup Chile, o SEED é um programa internacional que também busca talentos estrangeiros para criar interações mais enriquecedoras entre os participantes.

Serviços bancários 3.0

Ainda em 2011 o Conselho Monetário Nacional (CMN) autorizou os bancos a oferecerem aos seus clientes a possibilidade de abrir e movimentar contas por meios exclusivamente eletrônicos.¹¹ Ao adotar essa modalidade de serviço, o cliente estaria isento da cobrança de tarifas, tornando a manutenção de uma conta bancária mais barata e conseqüentemente promovendo a inclusão financeira. Originalmente a medida não teve o impacto desejado, obtendo pouca adesão dos principais bancos e instituições financeiras. Poucos anos depois, contudo, estamos observando a chegada de uma onda de bancos digitais, formada tanto por braços de instituições financeiras tradicionais como por iniciativas 100% digitais. Essas instituições não possuem agências físicas mas permitem ao usuário realizar qualquer tipo de serviço bancário, de transferência de recursos a investimentos, através de meios digitais. Como um dos principais valores, essas iniciativas buscam implementar processos mais ágeis, interativos e simples para os usuários. Além disso, trabalham com modelos que permitem maior escalabilidade com menor custo, podendo refletir em menores preços para os usuários. Em paralelo a esse movimento, observamos ainda o surgimento de empresas Multiserviços, que oferecem funcionalidades como pagamento de contas, transferências de recursos e recarga de celular sem que se configurem como banco.

Como resposta a estes movimentos, bancos tradicionais estão lançando iniciativas digitais e, em alguns casos, transformando-se por completo para acompanhar a evolução.

¹¹ Notícia referente ao assunto: <https://goo.gl/ZoG13U>

Filhos do mundo digital

Ficou claro para os bancos que o movimento de digitalização deve ir além da simples disponibilização de serviços em plataformas digitais, como Internet Banking e Mobile Banking. A mudança passa por uma reformatação completa na interação com os usuários e na estruturação de produtos e serviços que sejam mais aderentes à nova realidade.

Abaixo são listados alguns movimentos que estão ocorrendo no mercado:

Banco Original

O Banco Original atua há muitos anos nas áreas de Corporate e Agronegócio. Em 2013 iniciou investimentos para a transformar-se em um banco 100% digital sendo que o lançamento para clientes pessoas físicas foi feito em março de 2016. O Banco Original surgiu com a ideia de atender as necessidades atuais dos clientes, que vivem em um mundo digital e contemporâneo. Além de inovar na experiência e usabilidade para o usuário, com a abertura de conta 100% online, por exemplo, no segundo semestre de 2016 o Banco disponibilizou APIs para o mercado, que possibilitam que terceiros desenvolvam soluções que se conectem com o seu ambiente, trazendo para o país a primeira iniciativa de Open Banking.

Outro conceito que passou a ser introduzido pelo Original é o de Seamless Bank, onde os clientes podem interagir com seus serviços financeiros através de canais ou ferramentas com que já interagem no dia a dia. Neste sentido, lançou o Chatbot Original, canal de interação através do Messenger do Facebook. Através deste canal o cliente possui atendimento virtual

24h com respostas rápidas e eficientes sobre diversos serviços, tais como abertura de conta, investimentos e programa de pontos, além da consulta de saldo e transações. Este movimento traz a relação com os serviços bancários para camadas externas ao próprio banco e tem o potencial de se inserirem de maneira mais eficiente na vida das pessoas.

Ainda, o Banco Original instalou laboratório de inovação no Vale do Silício, uma parceria com a Plug and Play, uma das maiores aceleradoras do mundo.

Banco Neon

O Banco Neon surgiu de uma joint venture entre o Banco Pottencial e a Fintech Controly, uma solução para oferecer serviços bancários baseada em cartão pré-pago de baixo custo. O Banco Pottencial já era credenciado como instituição financeira junto ao Banco Central e ao Fundo Garantidor de Créditos (FGC) e, ao fazer uma joint venture com o Controly, adotou o nome de Banco Neon S.A. O Neon caracteriza-se por focar nos “milenials”, inseridos naturalmente no ambiente digital. Lançado em Julho de 2016, o banco utiliza somente canais online e traz recursos inovadores de segurança, como a tecnologia de reconhecimento facial.

Banco Intermedium

Fundado em Belo Horizonte em 1994, o Banco Intermedium por muito tempo atuou como banco de nicho, possuindo como principal produto o crédito imobiliário. Fruto de solicitações de clientes, o Banco Intermedium lançou a conta digital em 2014 e em apenas 2 anos já contava com mais de 50 mil correntistas. O banco decidiu apostar em produtos digitais

para aumentar a penetração e alavancar outras linhas de negócios, como crédito, seguros e empréstimos consignados, por exemplo. Os executivos comparam a plataforma digital a um supermercado, onde não existe tarifa para entrar, mas, uma vez que o cliente esteja dentro da “loja” ele poderá encontrar serviços que atendam suas necessidades e eventualmente contratá-los. No final do dia, mesmo sendo gratuito, o produto torna-se sustentável e gera valor para a instituição. Este movimento demandou novas estruturas organizacionais e envolveu o executivo sênior no Banco.

Como visão, o Banco Intermedium acredita em reduzir os custos dos serviços bancários para os clientes e espera que os concorrentes possam seguir esse modelo. A localização da matriz do banco em Belo Horizonte facilita o acesso a fornecedores e ao ambiente de startups. Para o futuro, o banco tem como objetivo não ser somente um “banco digital”, mas, sim, uma plataforma financeira.

Banco Sofisa

O Sofisa Direto foi inaugurado em 2011 como um braço independente do Banco Sofisa, instituição fundada em 1961 e com forte atuação no mercado de crédito corporativo. A iniciativa veio para atender a vontade dos controladores de propor um novo modelo de valor baseado em tecnologia. O banco busca se posicionar no sentido de trazer simplicidade e mais democracia ao mercado, uma vez que as taxas e os serviços serão os mesmos independentemente do valor depositado. A iniciativa possui uma estrutura independente, com organização e áreas específicas. Além disso, sua estrutura interna busca seguir conceitos de startups, como cultura informal, área de tecnologia independente e

novas filosofias de experiência do usuário. O Sofisa Direto segue a linha das Fintechs de oferecer serviços melhores e mais baratos e o objetivo é conseguir propor, através da colaboração, cada vez mais serviços que atendam o cliente comum.

BTG Pactual

Em Junho de 2016 o BTG Pactual, maior banco de investimentos da América Latina e com destaque na atuação em mercados de capitais e por operações de tesouraria, lançou uma plataforma online de investimentos, a BTG Pactual Digital. O serviço é voltado para o varejo de alta renda, que ainda não se relaciona diretamente com banco. A ideia do BTG é pulverizar a oferta de fundos de investimentos e produtos financeiros antes acessíveis somente a um grupo seleto de clientes.

O foco é atingir uma camada da população que possui até R\$ 50 mil disponíveis para investir que, de acordo com o banco, é um mercado que pode chegar a até R\$ 600 bilhões. O processo de abertura de conta é rápido, 100% digital e pode ser realizado através do site ou do aplicativo. Dentro da plataforma, o cliente pode fazer a gestão dos seus ativos e receber acompanhamento de atendentes especializados.

Acelerando através de parcerias

O mercado financeiro nacional é historicamente concentrado. Apesar disso, existem mais de 100 instituições financeiras com licença para operar. Muitas destas empresas atuam em setores, serviços ou mesmo regiões específicas. São os chamados bancos de nicho. Seja pela opção de focar em um serviço específico, como o crédito consignado, por exemplo, para não competir

com bancos maiores, ou por barreiras geográficas, por muito tempo os bancos de nicho mantiveram sua área de atuação limitada e o investimento necessário para aumentar a capilaridade sempre foi uma grande barreira. Além disso, há alguns anos o Banco Central restringiu a abertura de novas agências bancárias no país, limitando o crescimento à fusão entre instituições com uma base já instalada. Hoje, com a internet e o mobile, cada pessoa pode ter uma agência bancária dentro de casa ou no próprio bolso.

Neste sentido, alguns bancos de nicho tem visto na revolução das Fintechs uma oportunidade para ampliar sua área de atuação.

Abaixo são listados alguns exemplos de iniciativas neste sentido.

Banco BMG

De olho em novos negócios, o BMG fez um acordo com a Fintech alemã Lendico em 2015 para obter um braço de captação de clientes, no modelo de correspondente bancário. Apesar de internacionalmente a Lendico atuar em empréstimos peer-to-peer (P2P), por aqui o principal produto é o CDC (Crédito Direto ao Consumidor), produto que até então era pouco explorado pelo BMG.

Além disso, BMG e Lendico lançaram recentemente, o Lendico Plus. Trata-se de um cartão de crédito consignado para aposentados e pensionistas do INSS. Em Julho de 2016 o grupo BMG abriu a BMG Up Tech: uma corporate venture focada em startups inovadoras. As empresas terão à disposição espaço de coworking, centro de networking e a ajuda para o go-to-market. O parceiro dessa iniciativa é a Fiemg (Federação das

Indústrias do Estado de Minas Gerais) e o diferencial do programa é que o foco se dá não só nos serviços do grupo mas em diversos ramos de tecnologia.

Banco Votorantim

O Banco Votorantim fez uma parceria com a Microsoft para investir em Fintechs. Inicialmente o Votorantim fará um aporte de R\$ 3 milhões no fundo BR Startups, criado pela Microsoft que está investindo em empresas de tecnologia brasileiras.

A expectativa é que se invista em cerca de seis iniciativas por meio de investimentos que variam de R\$ 250 mil a R\$ 1,5 milhão. As áreas prioritárias de Fintech para investimento do Fundo BR Startups no momento são: Pagamentos, Empréstimos e Negociação de Dívidas, Analytics e Big Data, Funding e Seguros.

Socinal

Em outros países, o modelo de empréstimos peer-to-peer (P2P) está alavancando a indústria e diversas empresas que oferecem o serviço estão surgindo mundo afora. Alguns casos ganharam grande repercussão, como o Lending Club.

A legislação brasileira não permite a operacionalização do modelo P2P em sua essência, uma vez que apenas instituições financeiras podem formalizar operações de empréstimos. Porém, algumas, empresas como Biva e Nexoos, através da estruturação de operações em parceria com instituições financeiras, como o Banco Socinal, se aproximam do modelo original oferecendo empréstimos P2P para pequenas e médias empresas.

Fintechs Multiserviços

A tecnologia está permitindo a descentralização de serviços financeiros. Apesar dos serviços bancários serem necessários, não necessariamente eles precisam ser providos por bancos. Em diversas situações, a legislação permite que empresas de outros setores ofereçam algumas destas funcionalidades, como pagamento de contas e transferências

A grande mudança que permitiu o nascimento das Fintechs Multiserviços foi a lei 12.865 de 2013 (conhecida como Lei dos Arranjos e Instituições de Pagamento), que rege sobre a permissão da criação de novos modelos de conta eletrônica. Abaixo são listadas algumas iniciativas nesta linha

E-dinheiro

É uma plataforma financeira digital para pessoas físicas, pequenas empresas e profissionais autônomos. Através de qualquer celular é possível depositar e transferir dinheiro, fazer cobranças, fazer recarga de crédito, realizar pagamentos usando código de barras ou QR code e até planejar os gastos do mês. Todos os processos são feitos sem a cobrança de tarifas. Idealizada pelo Banco Palmas em parceria com a empresa MadeApp, a solução está se expandindo pelo Brasil através da Rede Brasileira de Banco Comunitários. Além de oferecer um serviço interessante, promove a inclusão financeira.

ContaSuper

A startup nasceu como um sistema de folhas de pagamento totalmente digital e com um cartão pré-pago, mirando nos quase 55 milhões de brasileiros que não possuem conta bancária. Hoje, o aplicativo permite

que se faça toda a gestão da conta através de canais online, oferece cartão internacional de débito para compras, saques e pagamentos online.

Usuários ainda podem utilizar a ContaSuper para pagar funcionários, recarregar celulares e bilhete único (cartão de transporte público de São Paulo) e realizar câmbio entre até 10 moedas internacionais. Os recursos podem ser depositados através de transferências de mesma titularidade e ficam custodiados em bancos parceiros. Em março 2016 o Santander concluiu a compra de 100% da ContaSuper por aproximadamente R\$ 150 milhões.

Zuum

De uma joint venture entre Mastercard e Vivo nasceu serviço de conta pré-paga Zuum. O foco do produto é facilitar a vida das pessoas que não possuem conta bancária, mas precisam fazer transações financeiras. Com o Zuum, o usuário pode fazer depósitos, retirar ou transferir dinheiro, pagar contas, recarregar serviços como celulares ou cartões de transporte, tudo através do celular. O Zuum também disponibiliza um cartão pré pago da bandeira Mastercard, se solicitado.

Banco Maré

Criado para oferecer melhores serviços aos moradores do Complexo da Maré, uma das maiores favelas do Rio de Janeiro, o Banco Maré traz soluções digitais para pagamento de contas e transferências de recursos através do smartphone. Apesar do nome, não é um banco efetivamente. Funciona como uma plataforma financeira que colabora para fomentar a economia local.

Fundada como uma iniciativa social, o Banco Maré planeja usar os ganhos obtidos com o negócio para reinvestir na comunidade em iniciativas como educação e habitação. O objetivo dos fundadores é expandir esse modelo para outras regiões.

Celcoin

O Celcoin é um serviço de conta digital que funciona sem qualquer vínculo com bancos ou com operadoras de cartão. O cliente carrega o saldo diretamente na sua conta de celular por meio de boleto ou transferência bancária e, a partir disso, pode utilizar o aplicativo para transferir recursos para outros aparelhos, pagar contas, recarregar celulares, comprar créditos para jogos, receber pagamentos e sacar dinheiro em até 460 pontos da rede PagFácil.

O Celcoin não cobra mensalidade ou taxa de adesão. A conta digital Celcoin pode ser acessada pela web ou pelo smartphone e o público alvo também é composto por pessoas que não podem ou não querem ter acesso aos bancos tradicionais.

A reação das instituições financeiras

Em memorando enviado aos funcionários¹² no final de 2015, o CEO do J.P. Morgan (maior banco dos EUA por ativos) Jamie Dimon sentenciou: “o Vale do Silício está chegando, trazendo junto cérebros e dinheiro para mudar a nossa indústria”. A visão de Dimon é compartilhada por outros presidentes de gigantes financeiros espalhados pelo mundo que, há muitos anos, dominam o mercado.

No melhor estilo “adapt or die”, os incumbentes (instituições financeiras tradicionais como grandes bancos, bandeiras de cartões e seguradoras) estão reconhecendo a força da mudança trazida pela tecnologia e passaram a encampar iniciativas que promovem a inovação e a busca por soluções digitais para problemas analógicos. Para citar alguns exemplos, o Citigroup está abrindo “Innovation Labs” pelo mundo desde 2013, o BBVA, um dos maiores bancos da Europa, comprou o americano Simple em 2014 e, também nesse ano, o Barclays abriu o seu primeiro programa de aceleração de startups.

Também no Brasil, as principais instituições financeiras estão se movimentando para continuarem a ser protagonistas no setor:

¹² Carta do CEO do JP Morgan, Jamie Dimon: <https://goo.gl/YglhYO>

Bancos

Banco Bradesco

O Bradesco lançou em 2014 o programa de aceleração inovaBra, com a intenção de aproximar-se das startups focadas no desenvolvimento de novos serviços para o mercado financeiro. A ideia do banco com o programa é encontrar iniciativas que possam agregar valor às suas atuais áreas de negócios. O programa, dura até 10 meses, sendo 4 para a fase de seleção e 6 para os escolhidos interagirem diretamente com as equipes do Bradesco e construir uma prova de conceito.

Atualmente o programa está na fase de seleção para a terceira rodada. Algumas das startups selecionadas na primeira turma foram: QueroQuitar (Negociação de Dívidas), Easycredito (Empréstimos), Smartbot e Allgoo (Investimentos), Bit.one (Cryptocurrencies & DLT) e Atar e Ewally (Pagamentos).

Para esta edição, está previsto o lançamento do inovaBra Ventures, um fundo de investimentos em startups, no modelo de corporate venture, com R\$ 100 milhões de capital proprietário. Além disso, foi anunciado o programa inovaBra Internacional que planeja conectar o Bradesco e startups com ecossistemas internacionais para troca de conhecimentos e experiências.

Banco Itaú

Em setembro 2015 foi inaugurado na Vila Olímpia, em São Paulo, o Cubo, espaço de coworking do Itaú. O projeto foi estruturado em parceria com a Redpoint e.ventures para se tornar um espaço de referência em empreendedorismo e inovação. O prédio oferece espaços de coworking para startups de qualquer setor e também organiza e recebe, em média, 4 eventos por

dia, sendo que alguns são abertos ao público.

Com o tempo, outras empresas se associaram à iniciativa, como Accenture, Saint Gobain, Ambev, Mastercard e Cetip. Através do Cubo, o Itaú se aproxima do ecossistema empreendedor. Dentre as iniciativas de Fintech que foram ou são suas residentes estão Vérios (Investimentos), Kitado (Negociação de Dívidas), Adianta (Empréstimos) e Controly (atual Banco Neon).

Banco do Brasil

O Banco do Brasil montou uma estrutura interna de inovação para pesquisar e desenvolver novas tecnologias digitais. Foram incorporadas metodologias de inovação, como canvas, agile e design thinking, para inocular o “espírito de startups” dentro do banco. Startup weekends e hackatons vêm sendo trabalhados dentro da organização para disseminar nas equipes a cultura de criar algo novo.

Para estar mais próximo das últimas tecnologias e das novas tendências, o BB abriu o Laboratório Avançado Banco do Brasil (LABB) no Vale do Silício. O LABB fica dentro da Plug and Play, uma das aceleradoras mais conhecidas do mundo, e divide espaço com diversas startups, de diferentes países, proporcionando aos funcionários a oportunidade de uma imersão cultural.

O banco também promove o intraempreendedorismo através do Programa PENSA, no qual funcionários cadastram ideias de produtos de tecnologia para serem avaliadas. As fases seguintes do programa envolvem Trilha de Negócios Digitais, pré-incubação (denominada Garagem BB), incubação e aceleração.

Banco Santander

Como o maior banco internacional do Brasil, o Santander tem desenvolvido diversas iniciativas para difundir a cultura de inovação e fomentar o ecossistema empreendedor brasileiro. Em 2014 o banco espanhol entrou no mercado de adquirentes através da aquisição da gaúcha Getnet e, menos de dois anos depois, no início de 2016, adquiriu da SuperBank a ContaSuper.

Outra iniciativa do Banco Santander no Brasil é o The Code Force, um programa de hackaton que busca engajar desenvolvedores, mentes criativas e inovadores no desenvolvimento de soluções que irão moldar o futuro do mercado financeiro.

Em 2014 o Santander lançou o fundo de investimentos Santander InnoVentures, com foco em Fintechs e que já investiu mais de U\$ 100 milhões em Fintechs globais como SigFig (Gestão Financeira - EUA), Ripple (Cryptocurrencies & DLT - EUA), Digital Asset (Cryptocurrencies & DLT - EUA), Elliptic (Cryptocurrencies & DLT - RU), Kabbage (Empréstimos - EUA) e iZettle (Pagamentos - Suécia). Neste ano, o fundo também vai focar em empresas da América Latina.

Caixa Econômica Federal

A fim de se aproximar mais das startups, a Caixa realizou parceria com a Artemisia (ONG focada em negócios de impacto) para desenvolver um programa de aceleração com foco em empresas que promovam inclusão financeira para as classes C e D. A Caixa também estruturou uma área interna de inovação.

Banco CBSS

O CBSS, instituição financeira controlada em conjunto por Banco do Brasil e Bradesco, lançou em 2016, em resposta ao Nubank, o cartão de crédito Digio, que funciona sem anuidade e pode ser gerenciado através de um aplicativo.

Seguradoras

Porto Seguro

Líder no mercado de seguros brasileiros, a Porto Seguro criou um programa de aceleração chamado Oxigênio. Conforme descrito na seção “aceleradoras”, acima, o programa tem duração de 6 meses, sendo 3 meses no espaço da Oxigênio, em São Paulo e 3 meses na Plug and Play, no Vale do Silício. O espaço Oxigênio também é aberto para a realização de eventos sobre empreendedorismo. A Porto Seguro também tem buscado encorajar seus funcionários a criarem startups dentro de casa, oferecendo a oportunidade para participarem do programa de aceleração.

Caixa Seguros

Através da Caixa Seguros, seguradora do grupo Caixa, foi criada a Youse, uma seguradora que, diferentemente do modelo tradicional que necessita de corretores, vende os seus próprios produtos. A nova empresa conta com o suporte da Caixa Seguradora, mas funciona em uma estrutura independente. O foco é na população jovem, que ainda não possui seguros. Em quanto aguarda a aprovação da Susep, a Youse trabalha como corretora.

A Youse foi a primeira plataforma de venda de seguros 100% online do Brasil e permite ao usuário realizar

todo o processo, desde a cotação até a contratação do seguro, pelo site ou pelo app. A iniciativa se diferencia por não oferecer pacotes fechados, permitindo ao usuário flexibilidade na escolha do seguro. Com relação ao modelo de negócios, a Youse é diferente, pois, funciona com mensalidades, sem prazo de contrato definido.

Bandeiras de Cartões

Visa

Como um dos principais patrocinadores dos Jogos Olímpicos Rio 2016, a Visa aproveitou a oportunidade para apresentar ao país soluções inovadoras de meios de pagamento, que poderão chegar em breve ao mercado nacional. As novas soluções apresentadas utilizam a tecnologia NFC (Near Field Communication) e incluem uma pulseira criada em parceria com o Bradesco, um relógio desenvolvido com a Swatch (Swatch Bellamy) e anéis que foram usados pelos 45 atletas da Equipe Visa durante os jogos.

Seguindo exemplos praticados em outros centros como Singapura, San Francisco, Londres, Miami e Dubai, a Visa abriu, em Setembro de 2016, um centro de inovação em São Paulo¹³. O objetivo desse novo espaço é o desenvolvimento de novos métodos de pagamento digital a partir de parcerias com startups, empresas e desenvolvedores. Dentro de um espaço descontraído, a empresa tem a intenção de usar métodos e processos que buscam solucionar desafios de forma colaborativa e mais humana, colocando os envolvidos no centro de desenvolvimento do produto. Além dessas iniciativas, a Visa ainda criou o programa Visa Developer Center, dentro do qual os participantes

¹³ Notícia referente ao assunto: <https://goo.gl/qXvPjm>

terão acesso a APIs e SDKs (Kits de Desenvolvimento de Software) da empresa, podendo assim desenvolver soluções em plataforma aberta.

Finalmente, para se aproximar do ecossistema de startups, a Visa fechou uma parceria com a StartupFarm, uma das principais aceleradoras do país. Os dois lançaram juntos Ahead, um programa de aceleração de 5 semanas, a primeira turma começou no final de 2016 e já estão preparando a segunda edição.

Mastercard

A Mastercard lançou o MastercardLabs, braço de P&D global para pesquisar formas de pagamento disruptivas que possam transformar a maneira que os usuários se relacionam com os pagamentos. Em 2016 também lançou o portal Mastercard Developers que permite aos seus parceiros (bancos, startups) acessar uma diversidade de APIs de pagamentos, dados e segurança. A nova plataforma poderá integrar as tecnologias e os serviços da Mastercard às soluções digitais dos parceiros de modo fácil e econômico para que os consumidores tenham uma experiência mais simples, rápida e segura. Além disso, a Mastercard tem organizado e apoiado hackatons pelo Brasil, alguns em parceria com Facebook e Santander, para se aproximar dos desenvolvedores e usuários na procura por inovação. Para se aproximar das startups, a Mastercard criou o Startpath, um programa global de acompanhamento de startups, onde uma equipe dedicada trabalha para ajudar as startups escolhidas a escalar as suas soluções com o envolvimento da própria Mastercard e parceiros. No Brasil, a Mastercard se tornou parceira do Itaú

no Cubo. A ideia é estar em contato com as startups e fornecer mentoria.

Outros gigantes do setor financeiro

O mercado financeiro é composto de diversos atores. Alguns deles podem não ser conhecidos dos clientes finais, mas possuem um papel crítico no modelo atual. Com as mudanças decorrentes de novos modelos de negócio e novas tecnologias, estas empresas também começam a se reinventar.

Cetip

Responsável pela liquidação de transações envolvendo títulos privados de renda fixa (CDBs, LCAs, LCIs e debêntures, por exemplo) a Cetip é integrante fundamental do mercado financeiro brasileiro. É genuinamente uma empresa de tecnologia e, apesar de ter nascido como um braço da ANDIMA¹⁴ sem fins lucrativos, hoje é privatizada, com controladores internacionais.

Além dos investimentos ordinários em tecnologia e inovação para acompanhar o mercado financeiro, a Cetip está se envolvendo também com iniciativas que fomentem o empreendedorismo e o ecossistema de startups brasileiro. Nessa linha, lançou em 2016 o programa Foresee.

O programa, além da promoção de eventos e fóruns inspiradores, realizou parcerias com agentes de peso no mercado, como Cubo (Itaú), UP Innovation Lab (Accenture) e ACATE (Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia), encabeçando, nesta última a

¹⁴ Em 2009 a ANDIMA (Associação Nacional das Instituições do Mercado Financeiro) fundiu-se com a Anbid (Associação Nacional dos Bancos de Investimento), dando origem à ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais).

criação da Vertical Fintech.

Em parceria com a Darwin Starter, uma das maiores aceleradoras de Santa Catarina, lançou a primeira turma de seu programa de aceleração, que selecionou 10 startups que incluem Fintechs, empresas de Big Data, Insurtech e conectividade. A ACATE também se une a esse projeto oferecendo o endereço que abriga o co-working dos selecionados.

BM&F Bovespa

A BM&F Bovespa, um hub importante no mercado financeiro local participa há alguns anos da transformação do setor no país. Desenvolveu internamente uma plataforma de ativos única e vem implementando também uma plataforma única de negociação e pós-negociação, que permitirá aos operadores e corretores acessar todos os produtos a partir de uma interface uniforme, simplificando processos. Os ganhos de eficiência são da ordem de dezenas de bilhões de reais. Como o modelo de negócios da BM&F é único no país e com foco bem definido, a estratégia para inovar tem sido apostar no desenvolvimento interno de tecnologias e soluções.

A BM&F Bovespa, atenta ao movimento de inovação no setor financeiro criou um grupo interno - BM&F Inova -, enxuto, de pessoas que tem a responsabilidade de estudar e desenvolver soluções baseadas em tecnologias inovadoras. O principal desafio atualmente é desenvolver conhecimento e protótipos utilizando Blockchain. Tecnologia que pode trazer oportunidades e ameaças ao seu modelo de negócio. O grupo é multidisciplinar com profissionais de negócios, UX, desenvolvedores e também advogados que contribuem

com aspectos legais e regulatórios para viabilização das soluções. A BM&F Bovespa também participa do R3 e tem um papel relevante na discussão e desenvolvimento do Blockchain no mundo.

O BM&F Inova tem se dedicado a desenvolvimento interno, porém não descarta parcerias como R3, Digital Assets, ou, no futuro, com maior envolvimento de Fintechs ou Start ups. O grupo também promoverá workshops de desenvolvimento rápido de soluções.

A BM&F tem encontrado um modelo de inovação que está bem alinhado com sua história, evolução, escala e unicidade do seu modelo de negócio, e está também atenta a oportunidades de parcerias e cooperação, contanto que estejam diretamente alinhados a sua estratégia de negócios.

RTM

A RTM (Rede de Telecomunicações para o Mercado), provedora de serviços de integração para o mercado financeiro, lançou o programa de inovação Conecta RTM, que propõe estimular o empreendedorismo. A RTM busca ser a maior integradora entre o mercado financeiro e o ecossistema tecnológico.

A empresa deve lançar um programa para atrair startups e Fintechs que se interessem em ter acesso a sua rede e, assim, fornecer serviços para as mais de 500 instituições financeiras que se conectam através da RTM.

A RTM promove diversas ações internas e com outros atores do ecossistema. Dentre essas ações podem ser citadas a parceria estratégica com aceleradoras como StartupFarm e Darwin Starter e a organização de eventos abertos ao público relacionados a blockchain.

A RTM lançou o Inove, um canal direto e moderno para

se comunicar com os usuários. O canal serve como uma espécie de ouvidoria, estimulando a geração de ideias e promovendo o surgimento de novas soluções para o mercado financeiro.

Internamente, a RTM mantém um comitê interno de inovação para analisar e discutir tendências nos segmentos de TI e telecomunicações.

Outros setores mirando o mercado financeiro

Além dos incumbentes, a onda de inovação aplicada aos serviços financeiros também envolve outros players, como grandes empresas de tecnologia, telecomunicações e transportes. Amparadas pelas possibilidades trazidas pela tecnologia e com uma grande base de usuários, essas instituições também têm contribuído para as rupturas que estão remodelando o setor financeiro.

Big Techs

Big Techs é a denominação dada para as gigantes de tecnologia como Apple, Samsung, Amazon e Google. Essas empresas se tornaram praticamente onipresentes na vida de pessoas e empresas que interagem com tecnologia, através de diversos serviços como: compras, localização, mensagens, buscas, ligações, plataformas cloud, desenvolvimento de aplicativos, gestão de informações, entre uma infinidade de outros. Com essa penetração e capacidade de inovação, as Big Techs tem ampliado seu escopo de atuação e, mais recentemente, têm se posicionado no mercado financeiro.

O mercado de pagamentos e transferência de recursos têm sido a porta de entrada para essas gigantes, mas a constante busca por melhores experiências abre uma grande oportunidade para as empresas que possuem capacidade de inovação, velocidade e mindset voltado para a nova realidade. Em pesquisa realizada pela Accenture¹⁵ em 2014, 40% dos entrevistados, representando mais de 4.000 correntistas nos EUA e Canadá, falaram que considerariam utilizar serviços bancários do Google caso esses fossem oferecidos.

O sucesso dessas empresas em iniciativas com pagamentos nos Estados Unidos e na Europa torna o Brasil um caminho natural para a entrada na América Latina. Apesar dos pagamentos contactless ainda possuírem uma presença irrelevante no mercado nacional, boa parte dos terminais pos (“maquininhas”) já estão preparados com tecnologia NFC (Near Field Communication) para aceitar esse tipo de transação. Isso abre possibilidades não apenas para pagamentos com aproximação de celulares que possuem essa tecnologia embarcada, como cartões de crédito específicos, pulseiras, anéis, relógios entre outros.

O aumento da quantidade de transações através de diferentes veículos e canais tem levado empresas a buscarem soluções para aumentar a segurança das transações. Um exemplo é a tecnologia de “tokenização”, adotada por empresas com Visa e Mastercard, que permite que um mesmo cartão seja cadastrado em vários locais, como apps, websites e wearables, com um código único relativo a cada uma delas. Em linhas gerais, esse sistema pode gerar um “número de cartão” único e exclusivo para cada canal, ou mesmo

¹⁵ Disponível em: <https://goo.gl/E5QHNg>

para cada transação.

A seguir estão algumas das principais iniciativas das Big Techs que estão chegando ao Brasil.

Samsung Pay

Lançado mundialmente em agosto de 2015, o sistema de pagamentos Samsung Pay já está em operação na Coreia do Sul, Estados Unidos, China, Espanha, Cingapura, Austrália e Porto Rico. No Brasil, o serviço está disponível desde Julho de 2016 e é compatível com cartões dos bancos Santander, Banco do Brasil, Caixa, Porto Seguro e Brasil Pré Pagos. No futuro próximo, Bradesco, Itaú, Banrisul, e Nubank serão integrados à plataforma.

A Samsung aposta em um modelo de negócio baseado no crescimento da venda de seus aparelhos pela adoção da tecnologia. A Samsung não fica com nenhum percentual da transação, focando em oferecer uma funcionalidade adicional para tornar o seu smartphone mais atrativo.

Apple Pay e Android Pay

Anunciados em setembro de 2014 e de 2015 respectivamente, Apple Pay e Android Pay ainda não chegaram ao Brasil. Apple e Google estão negociando condições com bancos e instituições financeiras e a intenção é que ambos os serviços desembarquem no país no primeiro semestre de 2017.

Apple Pay já está presente, em países como Estados Unidos, China, Austrália, Singapura, Reino Unido, Japão e Rússia, enquanto o Android Pay já funciona nos EUA, Reino Unido, Singapura, Austrália e Polônia.

Diferente da rival coreana, o serviço de pagamento da

Apple retém um percentual da venda, gerando receita adicional para a sua criadora. O Android Pay, em contrapartida, não cobra taxa nenhuma e o modelo de negócios é similar ao da Samsung: ganhos no longo prazo com maior aderência dos usuários ao serviço.

Outras iniciativas de gigantes, sem previsão de chegar no Brasil

Outros gigantes de tecnologia estão desenvolvendo novos serviços inovadores relacionados ao mercado financeiro.

A Microsoft lançou o Microsoft Wallet, um serviço de pagamento equivalente aos da Apple, Samsung e Android, que se diferencia por funcionar sem internet, utilizando somente a rede de telefonia.

O Facebook, além de disponibilização mundial de serviços de *bots* com APIs abertas para interação com o Messenger, adquiriu uma licença na Europa que permite pagamentos e troca de recursos financeiros através do seu aplicativo de mensagens.

Finalmente, a Amazon, maior varejista do mundo, após ser pioneira na criação do “one-click-buy” e de também ter desenvolvido o assistente virtual Alexa, que realiza transações bancárias, lançou a Amazon Go, uma loja de supermercado sem caixas registradoras. Utilizando tecnologia de ponta e inteligência artificial, basta pegar o produto da prateleira para o sistema identificar o cliente e o produto, sendo que a cobrança é feita automaticamente ao sair da loja.

Empresas de Telecom

Lançado no Quênia em 2007 pela Vodafone, o M-Pesa é um serviço que permite aos seus usuários transferir recursos, fazer pagamentos e saques pelo celular. Já difundido em outros países como Afeganistão e África do Sul, o M-Pesa revolucionou a maneira com que milhares de pessoas lidam com dinheiro, trazendo serviço bancários a milhares de pessoas e consequentemente reduzindo a taxa de desbancarização.

Conforme apresentado na seção “Multiserviços”, empresas telefônicas como Vivo e TIM, espelhando-se no modelo da Vodafone, estão realizando esforços para entrar no mercado financeiro, tendo como reflexo o aumento da inclusão financeira. A Claro também estava oferecendo serviços bancários através dos seus canais telefônicos, porém, descontinuou a iniciativa no final de 2016.

TIM Multibank

Em 2015 a Caixa entrou no mercado de mobile money. Em parceria com a MasterCard e a TIM, o banco lançou o TIM Multibank Caixa, uma conta pré-paga no celular que permite ao usuário utilizar o aparelho para pagar contas, transferir dinheiro e fazer recargas, além de realizar compras com um cartão de débito MasterCard. O dinheiro pode ser depositado na conta em qualquer lotérica, sem que haja necessidade de possuir conta em banco ou apresentar comprovante de residência. O serviço funciona em todos os modelos de celular vendidos pela operadora, o que inclui aparelhos básicos sem acesso à internet banda larga (3G).

Outros setores

Além da indústria financeira, a tecnologia tem viabilizado a entrada de outros setores no jogo financeiro. Especialmente em pagamentos e serviços que envolvem transferência de recursos, essas mudanças já estão em curso e o resultado é um ambiente cada vez mais integrado, com melhor usabilidade para o usuário final e mais fontes de receita para seus provedores. Como exemplo, nos EUA, reagindo à crescente preferência dos clientes por pagamentos móveis, a Starbucks lançou em Setembro de 2015 um aplicativo próprio, o Mobile Order and Pay. Através dele, o consumidor pode realizar seu pedido e pagar diretamente pelo celular, sem a necessidade de pegar filas. Em operação há pouco mais de um ano, essa modalidade já responde por aproximadamente 5% das transações da rede nos EUA¹⁶.

Tudo e todos estão constantemente interagindo e compartilhando informações, assim, diversas organizações estão buscando oportunidades. No Brasil, além da indústria de telecomunicação, já apresentada anteriormente, algumas iniciativas relevantes estão acontecendo no setor de transportes.

Sem Parar

O Sem Parar é referência nacional em sistema de pagamento eletrônico de pedágios e estacionamento. Com o aplicativo instalado, o usuário ainda pode localizar postos de abastecimento, estacionamentos e lojas de conveniência Sem Parar. Pioneiro no uso da tecnologia RFID para identificação automática de veículos no Brasil, a Sem Parar fez uma parceria com a

¹⁶ Dados do release oficial de resultados da empresa

rede de postos de combustível Shell para que o usuário abasteça o carro e pague sem precisar sair do veículo e sem a necessidade de utilizar utilizar dinheiro ou cartão. Usando o adesivo do Sem Parar, o cliente é cobrado pelo valor do combustível em sua fatura mensal.

99Taxis

A 99Taxis lançou no início de 2015 o Cartão99 para ajudar os motoristas a receber o dinheiro das corridas efetuadas na hora, sem que haja a necessidade de aguardar o final do mês. Ao solicitar o serviço, o valor das corridas é automaticamente creditado no cartão, permitindo ao motorista utilizar os recursos para pagar contas e fazer saques. O Cartão99 foi lançado em parceria com a Mastercard para facilitar a recepção de pagamentos e a gestão pessoal financeira dos motoristas. A solução é vantajosa também para a 99Taxis, uma vez que suprime camadas de serviços financeiros e permite que a empresa também tenha receitas provenientes da taxa nas transações realizadas com o cartão e do *float* dos recursos não utilizados.



Novas tecnologias a serviço do cliente

Junto com os novos serviços financeiros, surgem oportunidades para outros serviços complementares. Neste cenário, também apoiadas em novas tecnologias, essas iniciativas, como sistemas de prevenção à fraude, coleta e análise de grandes volumes de dados, internet das coisas, entre outras, são pilares fundamentais da revolução maior.

Mais agilidade, segurança e credibilidade são algumas das vantagens que essas iniciativas proporcionam. Como resultado, teremos um mundo cada vez mais conectado, mapeado e compartilhado.

Big data e Analytics

Cada vez mais dados estão disponíveis nas redes. Coletar, organizar, tratar, compreender e gerar insights sobre essas informações são o propósito de empresas como Neurotech, Neoway, Dataholics, Big DataCorp e IdWall.

Baseados em tecnologias modernas de web crawling, datamining e machine learning as informações geradas passam a complementar ou, em alguns casos, até mesmo viabilizar a tomada de decisão neste novo universo digital.

Como exemplo disso, os celulares atualmente possuem dezenas de sensores que podem monitorar

hábitos como horário em que se levanta, movimentação física, movimentação geográfica, entre outros, além de disponibilizar informações básicas como marca e modelo do aparelho. Com base no entendimento da interação humana com seu universo físico e digital, é possível identificar características de comportamento indicativas de risco de inadimplência, fraude ou mesmo perfil de consumo.

APIs

API (Application Programming Interfaces) é um termo da tecnologia para definir um modelo de interface que permite a integração entre diferentes sistemas e/ou aplicações. Quando desenvolvidas com esse propósito, essas interfaces permitem que terceiros consumam informações de maneira segura, desenvolvendo suas próprias soluções. Um exemplo disso, é um aplicativo de GPS que consome os serviços do Google Maps, através de API, para prover sua solução.

Para o mercado financeiro, esse conceito pode ser abstraído para o modelo que se denomina "Open Banking", onde instituições financeiras dão acesso para terceiros desenvolverem soluções consumindo utilizando suas informações. Na Alemanha, por exemplo, por demanda regulatória, os bancos disponibilizam acesso aos

dados de seus clientes, desde que autorizados, pelos mesmos. Com isso, torna-se possível a criação de ferramentas de PFM (Personal Finance Management) integradas ou mesmo sistemas mais confiáveis para análise de risco, uma vez que é possível ter a visão global do risco financeiro do usuário.

No Brasil, o Banco Original decidiu aderir ao modelo de Open Banking. Como resultado se espera que diversas novas soluções possam ser criadas por terceiros consumindo as informações do banco, complementando assim a experiência do usuário, de uma maneira semelhante a que aplicativos complementam a experiência em tablets e smartphones.

Ainda em estágios iniciais, a iniciativa começou com a disponibilização de informações de conta corrente, investimentos e pagamentos, mas o plano é disponibilizar mais informações no futuro. A ideia é que o banco sirva como uma plataforma de serviços, deixando as Fintechs livres para focar no seu core business e criar soluções em cima da base do banco.

Para que as instituições financeiras possam disponibilizar informações através de APIs é necessário rever sua arquitetura tecnológica ou criar uma camada de interface complementar. Neste sentido, empresas como LabsBank e Kontomatics estão se especializando em criar pontes para esse tipo de transição.

Robo Advisors

Robo Advisors (assessores robô) são um tipo de assessor financeiro que provê recomendações ou gestão de portfólios com o mínimo de intervenção humana. As análises são baseadas em regras matemáticas, também chamadas de algoritmos.

Algumas Fintechs se baseiam no modelo de Robo Advisors para realizarem planejamento, alocação e rebalanceamento automático de carteiras de investimento dos seus clientes. Baseado no perfil de risco de cada cliente, os robôs selecionam ativos, tanto de renda fixa quanto de renda variável, para investir. Por minimizarem o serviço de um assessor profissional, as tarifas cobradas pelas empresas que prestam esse serviço são bastante competitivas e tornam o serviço acessível a mais pessoas.

Essas empresas são disruptivas porque estão mudando a forma como as pessoas investem. Internacionalmente, os principais exemplos de Fintechs baseadas em Robo Advisor são: Betterment, Wealthfront, Motif e OpenFolio. No Brasil, as empresas Magnetis e Vérios desenvolveram suas próprias soluções. Como alternativa, empresas como a Dod Robôs Investidores desenvolve e fornece soluções de Robot Advisor para o mercado.

Inteligência artificial

Inteligência Artificial está relacionada com a substituição de decisões humanas por tecnologias sofisticadas. Não se deve confundir, porém, IA com automação, que significa a repetição de tarefas. Para um produto se configurar como portador de IA, é necessário um conjunto de algoritmos complexos e *machine learning*, sistemas que aprendem a medida que são utilizados. Dessa forma, uma enorme variedade de dados pode ser analisada para reconhecer padrões, prever resultados futuros e embasar decisões. Um simples exemplo de aplicação é o teclado virtual que prevê a próxima palavra a ser editada no smartphone.

Globalmente, as tendências indicam o crescimento do uso da inteligência artificial em nosso dia a dia, sendo que ela vem sendo aplicada para otimizar processos nas empresas e tarefas comuns. O Bradesco, por exemplo, recentemente apresentou um caso de utilização do Watson, sistema de inteligência artificial e computação cognitiva da IBM, para fazer a gestão da comunicação entre agências e central.

A aplicação de AI em chatbots, assim chamados as interfaces de atendimento automatizado, tem se ampliado. Apesar de muitas empresas terem adotado soluções de chatbots nos últimos anos, com a utilização de AI os bots “aprendem” com o tempo e otimizam constantemente o sistema. Essa é a tecnologia que tem viabilizado assistentes virtuais como a Siri da Apple ou a Alexa da Amazon.

Nos Estados Unidos o mercado financeiro também já está sendo afetado pelo surgimento de bots. A Mastercard anunciou, em Outubro 2016, que vai lançar um bot em parceria com a Kasisto, spin-off da SRI International, criador da Siri da Apple. A previsão é que o bot será capaz de responder perguntas sobre finanças pessoais para os usuários da Mastercard e clientes de bancos. A Mastercard está seguindo os passos da American Express que já lançou o seu serviço de bot no Facebook Messenger, também nos Estados Unidos. Clientes do Capital One já podem interagir com a Alexa, assistente da Amazon, para realizar pagamentos e consultar saldos usando a voz. O Bank of America já comunicou que também irá lançar um messenger bot ainda no próximo ano.

No Brasil, o Banco Original foi o primeiro banco a lançar um chatbot de atendimento dentro do Facebook

Messenger. O chatbot foi criado por uma equipe interna do banco e possibilita que os clientes tirem dúvidas sobre diversos serviços. O chatbot não é exclusividade dos correntistas e também atende os não correntistas que desejam conhecer um pouco mais sobre o banco.

Internet das Coisas

A Internet das Coisas ou IoT (Internet of Things) é a conexão via Internet de dispositivos computacionais inseridos em objetos de uso cotidiano, permitindo que eles recebam, enviem e interajam com informações. O desenvolvimento deste processo depende da inovação técnica em campos como sensores wireless, inteligência artificial e nanotecnologia. A proliferação de sensores e informações gerados são uma grande fonte de conhecimento para ser utilizada em produtos e serviços. A Visa, além dos wearables descritos na seção “Bandeiras de Cartões”, já oferece a possibilidade a montadoras de embarcar em seus carros aplicativos que permitem pagamentos via bluetooth e QR Codes (Visa Token Service). A Honda adotou a ideia e já está testando a funcionalidade em alguns dos seus modelos nos EUA. A intenção é que o veículo venha com um aplicativo que, entre outras funções, informa a necessidade de abastecer, indica o posto mais próximo e realiza o pagamento sem que o usuário precise sair do carro.

Na mesma linha, a Mastercard lançou, em parceria com a Samsung, uma geladeira conectada à Internet. O eletrodoméstico vem com o aplicativo “Groceries by Mastercard” instalado e, através de uma tela, os usuários podem fazer as compras e pagar sem sair de casa.

Além do setor de Pagamentos, o setor de seguros é um dos que tem mais a se beneficiar da evolução da

Internet das Coisas. O monitoramento constante de coisas e pessoas permite não apenas a adoção de ações preventivas, como indicar a necessidade de troca de um componente por conta de desgaste, como a melhor quantificação de risco, conseqüentemente, melhorando a precificação. Por exemplo, um relógio inteligente pode coletar informações periodicamente relativas à pulsação cardíaca e movimentação física e enviar esses dados para uma seguradora de saúde, que poderia usar essas informações para precificar melhor o valor da apólice.

A Porto Seguro anunciou no segundo semestre de 2016 um acordo com a Orange, empresa de telefonia francesa, para explorar o mercado de IoT no Brasil, mirando no mercado de rastreamento de automóveis, alarmes com sensores e outras aplicações. No caso de automóveis, por exemplo, com um dispositivo conectado ao veículo, é possível coletar informações sobre as condições do automóvel, estilo de direção do motorista, além de dados georreferenciados, como os locais e distância circulados, bem como o local que o veículo ficou estacionado.

Redução de Fraudes

Com o crescimento do e-commerce, lojistas virtuais precisam cada vez mais de soluções que ofereçam segurança aos seus clientes no momento de navegar ou de fazer os pagamentos dentro dos sites. Se o processo para finalizar a compra for muito longo, a chance do cliente desistir aumenta. Ao mesmo tempo, é importante que se façam os controles necessários para assegurar que quem está comprando é, de fato, o dono do cartão. Em caso de fraude, quem mais sai

perdendo são os lojistas e os bancos.

Para tentar solucionar esses problemas, algumas startups como Konduto, Vigios e Fcontrol têm utilizado a tecnologia para trazer mais eficiência ao processo de análise de risco, utilizando algoritmos de machine learning e de inteligência artificial. Novidades como tokenização também estão colaborando para evitar possíveis fraudes e tornar o ambiente de pagamentos online e offline mais seguros.

Cryptocurrencies & DLTs

O modelo financeiro tradicional é dependente de órgãos ou entidades que lhe dá confiança e credibilidade. Por exemplo, a bolsa de valores funciona como uma entidade intermediária entre partes que estão interessadas em comprar e vender ativos financeiros. O Banco Central define quantidade de moeda que circula na economia e outras questões, o SPB (Sistema Brasileiro de Pagamentos) é responsável pela liquidação de operações com títulos, valores mobiliários, derivativos e câmbio.

Em novembro de 2008, um artigo científico publicado por Satoshi Nakamoto descrevia um sistema eletrônico de transferência de recursos descentralizado que viria a ser a base para o funcionamento do Bitcoin. Essencialmente, Nakamoto resolveu o problema da duplicidade de transações, através de um modelo de aprovação baseado no consenso de nós conectados à uma rede. Cada nó é detentor de todo histórico de transações realizados na rede e, uma nova transação é aprovada desde que a maior parte desta rede concorde que ela é autêntica. Esta nova transação passa a integrar um novo bloco de transações que é anexado aos anteriores em

todos os nós da rede. A esse registro descentralizado se dá o nome de blockchain. Neste modelo, a confiança é inerente ao funcionamento da própria rede e não dependente de uma entidade central como acontece no mercado financeiro tradicional.

O código fonte do Bitcoin foi disponibilizado como open-source para o mercado em 2009 criando a primeira moeda virtual de gestão distribuída. A rede é baseada em algoritmos sofisticados de criptografia, que garantem a autenticidade das confirmações, bem como a remuneração aos nós da rede que fazem parte do ecossistema e realizam os processamentos.

Nos últimos anos diversas moedas virtuais entraram em circulação, como o litecoin e Dodgecoin, apesar de não terem alcançado a mesma representatividade do Bitcoin. Apesar de, para alguns, o Bitcoin parecer apenas um arrojado experimento econômico, diversos modelos de negócio se tornaram realidade.

No Brasil, corretoras de Bitcoins como a Foxbit, CoinBR, Bitcointoyou e Mercado Bitcoin permitem que pessoas físicas adquiram a moeda. Em paralelo, empresas internacionais como Xapo e BitInKa estão entrando no mercado. Segundo a bitValor, o volume médio mensal de transações com Bitcoins em 2016 no Brasil até Outubro foi de R\$ 27,1M.

Em 2014, financiado através de crowdfunding, Vitalik Buterin disponibilizou no mercado o Ethereum, uma plataforma distribuída e pública de blockchain com funcionalidade de processar contratos inteligentes, ou smart contracts, como são conhecidos. Isso mostrou ao mercado o potencial de disrupção do blockchain. A questão da confiança não precisaria estar atrelada apenas a transferências financeiras, mas a qualquer tipo de

ativo. Além disso, por permitir adicionar uma camada de programação, o Ethereum possibilita a automatização de processos, como, por exemplo, a distribuição automática de recursos relativos aos direitos autorais de uma música a cada vez que ela é consumida.

O blockchain ganhou força na conferência do World Economic Forum de Janeiro de 2016, quando foi apresentada como uma das tecnologias mais inovadoras e disruptivas da indústria financeira.

Distributed Ledger Technologies - DLTs

A terminologia DLT descreve o guarda-chuva de iniciativas relacionadas a redes descentralizadas, que compreendem tanto redes privadas, quanto públicas, onde o blockchain se insere.

As DLTs mais conhecidas são os blockchains do Bitcoin e do Ethereum. Existem, porém, outras iniciativas que merecem destaque:

Hyper Ledger

É uma organização colaborativa que foi criada pela Fundação Linux em 2015 e reúne empresas das indústrias de tecnologia, logística e financeira para criar uma plataforma segura, útil, sólida e fácil de usar. O objetivo é que qualquer indivíduo interessado em construir um software baseado em blockchain poderá usá-la como base. Essas contribuições externas vão ajudar a testar a tecnologia e assegurar que ela possa ser usada por várias indústrias.

Ripple

A DLT da Ripple permite aos bancos enviar pagamentos internacionais em tempo real através da rede.

A rede da Ripple oferece grandes economias para os bancos, pois viabiliza uma rede internacional de transferência de recursos muito mais eficiente que a solução utilizada atualmente para este fim. O Banco Santander, no Reino Unido, foi o primeiro banco a desenvolver uma aplicação de pagamentos internacionais utilizando a tecnologia Ripple e espera em breve abrir esse serviço para os seus clientes.

Corda

Conhecida como a DLT dos bancos, o projeto Corda foi criado em Abril de 2016 através do consórcio R3. O Corda tem como objetivo registrar, fazer a gestão e sincronizar dados sobre os acordos entre as organizações financeiras envolvidas e que estejam dispostas a compartilhar. No Brasil, os bancos Itaú e Bradesco aderiram ao R3 e em Setembro 2016 a BMF Bovespa também entrou no consórcio.

Movimento de DLTs no Brasil

Localmente, os bancos têm investido tempo e recursos em pesquisas relacionadas a DLTs. Em alguns casos, estão criando áreas internas e se aproximando de empresas internacionais que já conhecem a tecnologia. Microsoft, Intel e IBM tem se tornado líderes internacionais e tem trabalhado para disseminar o conhecimento sobre DLTs no país.

Dentro do ecossistema local, iniciativas envolvendo Blockchain já começaram a surgir. Projetos como Blockchain Center, coworking exclusivo para empresas de blockchain e Blockchain Academy, voltado para treinamentos e capacitação em blockchain, já estão funcionando.

No Brasil, o principal caso baseado na plataforma do

Ethereum é o OriginalMy, empresa que permite o registro de documentos digitais na rede como prova de autenticidade e propriedade.

Regtech

Uma parte importante da gestão interna de instituições financeiras é lidar com problemas jurídicos, regulatórios e de compliance. O serviço que deve ser mantido para atender às exigências representa um custo significativo para as organizações. Com o intuito de endereçar este tipo de necessidade, estão surgindo, especialmente nos Estados Unidos, as Regtechs - o "reg" vem de regulamentação.

Um exemplo é o escritório de advocacia Baker & Hostetler, um dos maiores dos EUA, que lançou recentemente o ROSS, um advogado baseado em AI, ou "robô-advogado". O ROSS foi criado baseado na tecnologia do Watson, máquina de computação cognitiva desenvolvida pela IBM. É uma fonte de consulta avançada que possui acesso a toda a legislação do país, jurisprudências, precedentes, citações e qualquer outra fonte de informação jurídica. Além disso, pode atualizar seu conteúdo 24 horas por dia, todos os dias, e alertar os advogados sobre qualquer informação nova que afete um caso em que estão trabalhando nas áreas tributária, trabalhista, criminal e de propriedade intelectual.

No Brasil já existe no mercado a plataforma de Regtech LegalBot. Através de machine learning e de uma série de ferramentas que auxiliam os profissionais na análise, seleção, classificação e organização dos diversos aspectos normativos, a empresa pretende facilitar a vida dos responsáveis pelas áreas de compliance e risco das instituições financeiras.

Como o Brasil se posiciona na América Latina



O Brasil possui posição de destaque no cenário Fintech da América Latina sendo com o país com maior número de iniciativas, bem à frente do México, que ocupa o segundo lugar com 158 empresas. Além de iniciativas locais, pelas condições demográficas, o Brasil é um mercado que atrai empresas internacionais que estão procurando oportunidades para escalar as suas soluções.

Colômbia, México, Chile e Peru montaram a Aliança do Pacífico, iniciativa que representa 230 milhões de habitantes e cujo objetivo é fomentar o livre comércio e integração econômica. A organização está promovendo a inovação nesses países e o resultado é o acesso pelas empresas a um número muito maior de usuários finais.

Em comum a todos os grandes mercados Fintech da América Latina está a dominância do setor de Pagamentos. Com o crescimento do e-commerce e aumento na quantidade de usuários de internet e smartphones, esse ramo de Fintech ganha destaque. Outros setores representativos são o de Empréstimos no México e na Colômbia, Crowdfunding no Chile e Gestão Financeira na Argentina.


Existem grandes perspectivas de crescimento do setor

empreendedor e, conseqüentemente, o de Fintech na América Latina. O Chile lançou o Startup Chile, programa que visa promover o empreendedorismo no país e Argentina, colocou a inovação como um dos pilares do governo.

A tabela a seguir mostra uma visão comparativa dos diferentes países da América Latina:

País	# de fintechs¹⁸	Principal segmento	Principais nomes	Perspectivas
 Brasil	244	Pagamentos	Guiabolso Nubank Bankfácil	O Brasil é o maior mercado de Fintechs de América Latina e cada vez mais se qualifica para manter a liderança.
 México	158	Pagamentos e Empréstimos	Konfío Clip Kubo Financiero	Destaca-se a missão de promover a inclusão financeira para atingir a grande população desbancarizada; Criou-se uma associação de Fintechs e também está em discussão uma Lei de Fintechs.
 Argentina	60	Pagamentos e Remessas e Gestão Financeira	MercadoPago Afluenta KoiBanx	Inovação como prioridade do governo e proposta de permitir a abertura de empresas em 1 dia. A Nxtplabs é uma das maiores aceleradoras da América Latina e tem uma vertical forte em Fintechs. A aceleradora já se expandiu para México, Colômbia e Chile.
 Colômbia	77	Pagamentos e Empréstimos	Alegra MesFix Aflora	Bogotá e Medellín são os dois polos de inovação e de tecnologia forte no país. O avanço nesse campo conta com o apoio do governo, que pretende digitalizar toda a população colombiana. A associação de fintechs da Colômbia foi criada recentemente.
 Chile	56	Pagamentos e Crowdfunding	Destacame.cl comparaonline Broota	O programa de aceleração Startup Chile virou uma referência no continente. Santiago transformou-se em uma cidade modelo para desenvolver startups locais e internacionais. O foco em Fintechs no país está começando.

18 Fonte: Radar Fintechlab (Brasil), Finnovista (México, Colômbia, Argentina e Chile) 2016.



Conclusão e Desafios para os próximos anos

O ano de 2016 deixou claro que a inovação em serviços financeiros é um movimento sem volta. Empresas e consumidores, já inseridos em uma nova realidade buscam novas maneiras mais simples, baratas e inteligentes de se relacionarem com serviços bancários e movimentação de recursos.

Em pouco mais de 1 ano, mais de 200 iniciativas surgiram no país, colocando em cheque o status quo. É claro que uma boa ideia é só a primeira parte do desafio. Conquistar o mercado e escalar soluções mantendo a qualidade do serviço são apenas algumas das questões críticas que as Fintechs devem enfrentar.

Felizmente, o amadurecimento do ecossistema vem fortalecer e aumentar as chances de sucesso. Um ambiente empreendedor não é feito apenas de boas ideias e o Brasil está se fortalecendo em diferentes aspectos, como mostrado neste relatório. Ainda existem desafios. Incertezas regulatórias, ambiente político e econômico instável, necessidade de mais profissionais qualificados - especialmente em áreas de tecnologia, investimento, facilitação de acesso a mercados...

Mas o fortalecimento deste ambiente promete fazer com que 2017 seja um ano em que o mercado de Fintechs passe a ganhar tração em diferentes setores.

Mas esta é apenas parte da questão. Este ano também deverá ser o ano em que outras indústrias despertarão para as oportunidades do ambiente financeiro. Em especial o varejo, empresas de telecom e outras que possuem uma grande base instalada de clientes, tem potencial de ampliar suas linhas de receita neste novo cenário. O mundo financeiro deixará de ser exclusividade dos bancos. A tecnologia está ao alcance de todos.

A discussão bancos vs fintechs dará espaço para um cenário mais complexo e mais fértil para desenvolvimento de novos negócios e parcerias. E isso não é um movimento restrito ao Brasil. Com um mercado de mais de 200 milhões de consumidores, o país é um campo fértil de crescimento para iniciativas internacionais, que podem chegar ao mercado melhores financiadas e estruturadas.

O cenário é complexo e isso o torna incerto, mas é o que deixa o jogo interessante. É importante estar atento aos movimentos.

E nas palavras de **experts** do mercado...



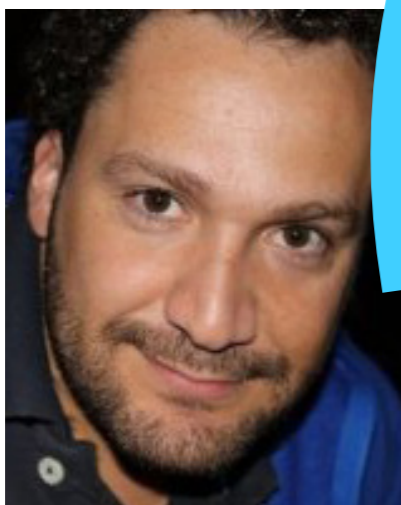
Todd Barrett - Cônsul comercial da Ontário no Brasil

"Iniciativas como o Cubo e o inovaBra – do Itaú e do Bradesco, respectivamente – são uma boa oportunidade para fortalecer essas novas empresas que estão promovendo a inovação no sistema financeiro, obtendo apoio técnico qualificado para se lançarem no mercado. Para que o mercado de fintechs continue crescendo, iniciativas como essa devem ser ampliadas no mercado brasileiro."

Gustavo Paro - Microsoft

"As Fintechs têm também o desafio de desenvolver uma solução altamente escalável e confiável, pois elas precisam ser capazes de atender a milhares de usuários, sendo que em muitos casos em vários países simultaneamente, como, por exemplo, soluções internacionais para transferência eletrônica de recursos."

"Outro grande desafio é encontrar o equilíbrio ideal entre ser uma Fintech e se tornar um Banco de fato, usando o melhor dos dois mundos".



Guilherme Stocco - Banco Original

"O Banco Original pretende estar próximo das Fintechs e ajudar o ecossistema a se desenvolver, é por isso que desenvolvemos a nossa plataforma de Open Banking que vai facilitar as integrações das Fintechs com o Banco."

"O maior desafio de uma Fintech é a aquisição de clientes que sejam ativos, isto é, que usem os produtos regularmente. A aquisição de clientes é muito cara e poucas empresas conseguem criar o seu próprio "Growth Hacking" para crescer de forma exponencial sem gastar fortunas em Marketing".

Erico Fileno - Head de Inovação da Visa

"A Visa passa por uma grande transformação nos últimos anos e um dos pontos principais dessa revolução é a aproximação com as startups e fintechs brasileiras.... Muitas empresas já estão criando protótipos de pagamento usando nossa tecnologia e os brasileiros já ocupam a segunda posição dos países que mais acessam nossas APIS, atrás apenas dos EUA."

"Visa e fintechs têm muito a aprender e a trabalhar juntas e em 2017 acredito que isso acontecerá com ainda mais frequência."



Roberto Dagnoni - VP de Business da Cetip

"O volume (de Fintechs) impressiona a Cetip, dado que havia pouco mais de 50 pouco tempo atrás. Além do volume estamos otimistas com as possíveis conexões dessas fintechs com a infraestrutura provida pela Cetip para o mercado financeiro."

"Os principais desafios das Fintechs em 2017 serão: Ganho de escala e avanço regulatório que seja positivo para as fintechs"

Flavio Pripas - Diretor do Cubo

"O principal desafio de fintechs não é diferente do desafio das outras startups: distribuição. Como colocar no ar novos modelos de negócios e torná-los atrativos aos usuários finais."

"Estamos construindo uma base legal para 2017. Existe um movimento grande de novos negócios, investidores, etc. Localmente, independente do cenário difícil que encontramos, acredito que o mundo de startups e inovação continuará crescendo a passos largos."



Eduardo Abreu - CMO da Zuum

"As Fintechs brasileiras, precisam muitas vezes quebrar barreiras culturais, o brasileiro está muito acostumado por exemplo a utilizar o "dinheiro" como forma de pagamento, mais de 70% dos pagamentos no Brasil ainda são feitos em "dinheiro"."

Glossário

API (Application Programming Interface)

Em português, significa “Interface de Programação de Aplicativos”. É como se denomina um conjunto de rotinas e padrões de programação para acesso a um aplicativo de software ou plataforma baseado na Web. Empresas disponibilizam APIs quando desejam que outras plataformas utilizem seus serviços e desenvolvam funcionalidades para eles.

B2B (business-to-business)

Denominação para representar comércio entre empresas, quando uma empresa fornece bens ou serviços para outra diretamente.

Big Data

Termo que denota grande volume de dados, tratados ou não. Dotadas dessa grande quantidade de informações, as organizações estão conseguindo melhorar modelos, serviços e passaram a entender melhor o comportamento do cliente.

Big techs

Grupo das grandes empresas multinacionais de tecnologia, tais como Apple, Google, Facebook, Microsoft e Amazon.

Bootcamp

Período curto para startups e empreendedores desenvolverem ideias, realizarem networking e aprenderem novos conceitos relacionados a empreendedorismo e negócios.

Bots

Abreviação de “robots”. Denota sistemas dotados de alguma inteligência artificial que são capazes de interagir com os usuários, seja através de mensagens (chatbots) ou participando de um jogo.

Carteiras Digitais

Sistema que guarda e criptografa de maneira segura as informações de cartões de crédito e outras formas de pagamentos para que sejam utilizadas em ambientes online e off-line.

Corporate Venture

Expressão utilizada para definir investimentos de empresas (geralmente desenvolvidas) em startups.

Correspondente Bancário

Qualquer empresa que, além das atividades fins, atue também como agente intermediário entre os bancos e instituições financeiras autorizadas a operarem pelo Banco Central e seus clientes finais. As lotéricas são um exemplo de correspondente bancário.

Crowdfunding

Financiamento coletivo de uma ideia, empresa ou produto.

Cryptocurrencies

Moeda digital criptografada, como o Bitcoin.

Datamining

Mineração de dados. Consiste em uma funcionalidade que agrega e organiza dados, encontrando neles padrões, associações, mudanças e anomalias relevantes.

Design Thinking

Conjunto de métodos e processos para abordar problemas, relacionados à aquisição de informações, análise de conhecimento e propostas de soluções.

DLT (Distributed Ledger Technology)

Descreve o guarda-chuva de iniciativas relacionadas a redes descentralizadas, que compreendem tanto redes privadas, quanto públicas, onde o blockchain se insere.

E-commerce

Comércio eletrônico; modalidade de comércio que realiza suas transações financeiras por meio de dispositivos e plataformas eletrônicas, como computadores e celulares.

Empréstimo peer-to-peer (P2P)

Tipo de operação em que pessoas físicas ou jurídicas emprestam diretamente para outras pessoas físicas ou jurídicas, sem envolvimento de instituição financeira. A intermediação é realizada por uma Fintech. No Brasil esse sistema é proibido pelo Banco Central, cabendo às Fintechs elaborarem engenharias financeiras (legais) para oferecer a modalidade aos seus usuários.

Fundo de Private Equity

Fundos de investimento que adquirem parcelas consideráveis de empresas em estágios iniciais, intermediários ou maduros.

Fundo de Venture Capital

Investidores de risco. Tipo de fundo de investimento que aloca os recursos em empresas em estágios iniciais e intermediários. Essas empresas oferecem maiores riscos e maiores possibilidades de retornos em contrapartida.

Go-to-market

Plano ou estratégia das empresas para atingir o consumidor e aumentar a produtividade.

Hackatons

É uma maratona de programação na qual hackers se reúnem por horas, dias ou até semanas, a fim de explorar dados abertos, desvendar códigos e sistemas lógicos, discutir novas ideias e desenvolver projetos de software ou de hardware.

Incumbente

Expressão que conota organizações/empresas que “já estavam no mercado” antes de a tecnologia chegar. No contexto, faz referência às instituições financeiras.

Internet das Coisas (IoT)

Tecnologia que conecta dispositivos eletrônicos utilizados no dia-a-dia (como aparelhos eletrodomésticos, eletroportáteis, máquinas industriais, meios de transporte, etc) à Internet.

Investidores Anjos

Geralmente pessoas físicas que realizam o primeiro aporte em empresas em estágio inicial com alto potencial de desenvolvimento.

Joint Venture

Associação de sociedades, sem caráter definitivo, para a realização de determinado empreendimento comercial, dividindo as suas obrigações, lucros e responsabilidades.

Machine Learning

Aprendizagem automática. É a tecnologia de fazer com que máquinas aprendam novos comportamentos e funcionalidades a medida que vão sendo usadas e alimentadas com informações.

Marketplace

Plataforma virtual onde se realiza o comércio de bens e serviços.

Método Agile

Também conhecido como Método ágil, é um conjunto de metodologias de desenvolvimento de software que proporciona adaptações rápidas às mudanças e promove o envolvimento de equipes especializadas e eficientes.

Millenials

Também conhecidos como Geração Y, faz referência aos jovens nascidos entre o final da década de 80 e início da década de 2000.

Mobile Money

Serviços bancários que são realizados através de celulares e dos canais telefônicos.

Modelo de Negócio Canvas

Ferramenta de gerenciamento estratégico que permite desenvolver e esboçar modelos de negócio novos ou existentes.

NFC (Near Field Communication)

Tecnologia que permite o pagamento somente aproximando um dispositivo do outro (celular da maquininha, por exemplo). Não exige senhas ou emparelhamento, basta a aproximação.

One-click-buy

Compra através de um clique. Inovação que suprimiu o preenchimento de longos formulários para que compras fossem realizadas on-line.

Open Banking

Projeto que visa “abrir” a plataforma digital dos bancos, através de APIs, para que se conectem a outras empresas e serviços. O objetivo é tornar o ecossistema mais conectado e desenvolvido.

Open-source

Plataforma aberta. Quando o código de determinado programa é aberto para desenvolvedores realizarem edições.

Pagamentos Contactless

Realização de pagamentos sem que haja a necessidade de “passar o cartão” ou entregar o dinheiro. Pode ser através do celular, acessórios ou adesivos instalados em veículos, por exemplo (Sem Parar).

PFM (Personal Finance Management)

Software que auxilia os usuários a monitorarem e gerirem seus recursos financeiros.

Plataformas Cloud

Plataformas na nuvem, ou seja, que utilizam servidores remotos para o armazenamento de informações e oferecem o acesso via web.

R3

Consórcio composto por mais de 70 das maiores instituições financeiras do mundo para pesquisar a aplicabilidade e promover o desenvolvimento de soluções utilizando blockchain no mercado financeiro.

Robo-advisors

Gestor de recursos digital que utiliza serviços automatizados e algoritmos para definir a alocação, sem influencia humana.

Seamless Bank

É quando o banco conecta seus serviços financeiros com aplicativos não financeiros. Os serviços bancários fazem parte da rotina do usuário.

Smart Contracts

Rotinas computadorizadas que facilitam, verificam ou garantem a performance de contratos. Em outras palavras, são sistemas de computador que tem a capacidade de garantir que as condições para que determinado termo negociado seja cumprido, suprimindo a necessidade de cláusulas.

Streaming

Tecnologia que envia informações multimídia, através da transferência de dados pela Internet.

Tecnologia RFID

Do inglês Radio Frequency Identification (Identificação através de Radio Frecuencia). A tecnologia é utilizada para identificar objetos através de sinais de rádio, que podem ser recuperados e armazenados remotamente. Geralmente os objetos a serem identificados recebem uma etiqueta com os circuitos emissores das frequências.

Vale do Silício

Famosa região localizada na Califórnia, EUA, onde estão instaladas empresas focadas em tecnologia e em gerar inovações científicas.

Wearables

Usáveis, em português. São produtos que utilizamos no cotidiano, tais como roupas e acessórios, imbuídos com dispositivos capazes de gerarem dados sobre o uso e que se conectam à internet para transmiti-los.

Web crawling

Rastrear a web (em português). Significa utilizar um programa de computador para navegar pela Web de uma forma metódica e automatizada.